

ISMAIL NORBERTO XAVIER

MEMORIAL

**Escola de Comunicações e Artes da USP
São Paulo
2002**

ISMAIL NORBERTO XAVIER

**Memorial das atividades docentes e de pesquisa
apresentado para o Concurso de Professor Titular
junto ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão
da Escola de Comunicações e Artes da USP**

**Escola de Comunicações e Artes da USP
São Paulo
2002**

ÍNDICE

Apresentação	p.1
I. Identificação.....	p.2
II. Disciplinas de Graduação ministradas na ECA-USP.....	p.3
III. Cursos de Pós-Graduação ministrados na ECA-USP.....	p.5
IV. Orientações concluídas entre 1990 e 2002, ou em andamento.....	p.6
V. Bolsas recebidas (1975-2002).....	p.9
VI. Centro de Estudos da Metrópole.....	p.10
VII. Cursos ministrados em Universidades estrangeiras.....	p.11
VIII. Participação em Bancas Julgadoras (1990-2002).....	p.11
IX. Programação de atividades de professores estrangeiros em visita à USP.....	p.23
X. Cargos e funções administrativas na ECA-USP (1990-2002).....	p.24
XI. Funções administrativas na USP	p.24
XII. Atividades de coordenação ou assessoria a agências de fomento.....	p.25
XIII. Conselhos Editoriais de Revistas Acadêmicas.....	p.25
XIV. Coordenação de coleção de livros na Editora Cosac & Naify, São Paulo.....	p.25
XV. Participação em Júris.....	p.26
XVI. Membro de Conselhos de entidades culturais.....	p.26
XVII. Cursos de curta duração no Brasil.....	p.26
XVIII. Publicações	p.27
Teses.....	p.27
Livros (1977-2001).....	p.27

Trabalhos completos em periódicos especializados – 1990/2002.....	p.28
Capítulos de livros – 1990/2002.....	p.30
Artigos em revistas culturais e suplementos de jornais – 1990/2002.....	p.32
XIX. Comunicações em Congressos e palestras.....	p.33
XX. TEXTO – COMENTÁRIO DE UM PERCURSO: 1990-2002.....	p.43

APRESENTAÇÃO

Este documento compõe o Memorial de meu percurso profissional na USP, em complemento ao Memorial de Livre-Docência, apresentado em 1989, por ocasião do respectivo Concurso. Razão porque ele se refere apenas ao período 1990-2002, com algumas exceções conforme o item em pauta. No que segue, há o elenco de minhas publicações no período, e de minhas atividades de docência, pesquisa, orientação de teses e dissertações, extensão universitária, administração acadêmica, participação em congressos, palestras, participação em agências de fomento ou entidades culturais, conselhos editoriais, intercâmbio e participação em comissões julgadoras.

Após tal elenco, que tem a estrutura de um *Curriculum Vitae* detalhado, apresento o texto de balanço e comentário do percurso empreendido nestes anos, com a referência ao realizado e a problematização do que julguei necessário, momento de reflexão que expõe a minha apreciação do conteúdo e das circunstâncias do trabalho acadêmico, das publicações e de empenhos a eles associados.

O Memorial de Livre-Docência permanece como documento disponível para a Comissão Julgadora, com cópia entregue à Assistência Acadêmica da ECA-USP.

São Paulo, junho de 2002.

Ismail N. Xavier

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Dados Pessoais

Ismail Norberto Xavier

Nascimento: 9 de junho de 1947

Naturalidade: Curitiba/Paraná

Nacionalidade: Brasileira

Identidade: R.G. 3.146.343 (S.S.P. São Paulo, 13/06/1975).

2. Titulação acadêmica

2.1. Graduação

1970 : Engenharia Mecânica - Escola Politécnica da USP.

1970 : Bacharel em Comunicações Sociais, Habilitação Cinema - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - 1970

2.2. Pós-Graduação

1975 : Mestre em Letras (Teoria Literária) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Orientador: Paulo Emilio Salles Gomes.

1980 : Doutor em Letras (Teoria Literária) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Orientador: Antonio Candido de Mello e Souza.

1982 : PhD Cinema Studies. Graduate School of Arts and Science, New York University. Orientadora: Annette Michelson.

Pós-Doutorado: New York University, com Bolsa CAPES/Fulbright. Cinema Studies Department, jan-dez. 1986

1989 : Livre-Docente. Dep. de Cinema, Rádio e Televisão. Escola de Comunicações e Artes da USP.

3. Posição acadêmica atual

Professor Associado do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

4. Etapas da carreira

1971/1975 - Auxiliar de ensino no mesmo departamento.

1976/1980 - Professor Assistente no mesmo departamento, tendo sido aprovado em concurso público para Professor Assistente em 1979.

1980/1989 - Professor Assistente Doutor, no mesmo departamento.

II. DISCIPLINAS DE GRADUAÇÃO MINISTRADAS NA ECA-USP

1990

1º semestre: CTR0300 – Linguagem Cinematográfica
CTR0313 – História do Cinema I

2º semestre: CTR0357 – História do Cinema II

1991

1º semestre: CTR0313 - História do Cinema I

2º semestre: CTR0300 – Linguagem Cinematográfica
CTR0357 – História do Cinema II

1992

1º semestre: CTR0600 – História do Cinema I

2º semestre: CTR0603 – História do Cinema II

1993

1º semestre: CTR0586 – Linguagem do Cinema e Vídeo
CTR0601 – Cinema Brasileiro I

2º semestre: CTR0570 – Teoria do Cinema I
CTR0604 – Cinema Brasileiro II

1994

1º semestre: CTR0586 – Linguagem do Cinema e do Vídeo
CTR0601 – Cinema Brasileiro I

2º semestre: CTR0604 – Cinema Brasileiro I

1995

2º semestre: CTR0604 – Cinema Brasileiro II
CTR0606 – Pesquisa em Cinema e Vídeo
CTR0618 – Projeto experimental em Crítica e Pesquisa

1996

1º semestre: CTR0600 – História do Cinema I
CTR0612 – Crítica do Filme e do Vídeo

2º semestre: CTR0606 – Pesquisa em Cinema e Vídeo

1997

1º semestre: CTR0600 – História do Cinema I
CTR0612 – Crítica do Filme e do Vídeo

2º semestre: CTR0606 – Pesquisa em Cinema e Vídeo

1998

2º semestre: CTR0603 – História do Cinema II
CTR0606 – Pesquisa em Cinema e Vídeo
CTR0612 – Crítica do Filme e do Vídeo

1999

2º semestre: CTR0604 – Cinema Brasileiro II
CTR0635 – Projeto Experimental em Crítica e Pesquisa

2000

1º semestre: CTR0586 – Linguagem do Cinema e Vídeo
CTR0629 – Crítica do Filme e do Vídeo

2º semestre: CTR0606 – Pesquisa em Cinema e Vídeo
CTR0655 – História do Audiovisual II

2001

1º semestre: CTR0629 – Crítica do Filme e do Vídeo
CTR0650 – História do Audiovisual I
CTR0679 – História do Audiovisual III (c/ Prof. Dra. Esther Hamburger)

2º semestre: CTR0606 – Pesquisa em Cinema e Vídeo
CTR0635 – Projeto Experimental em Crítica e Pesquisa
(c/ Prof. Dr. Rubens Machado)
CTR0655 – História do Audiovisual II (c/ Prof. Dra. Esther Hamburger)
CTR0695 – História do Audiovisual IV (idem)

2002

1º semestre: CTR0629 – Crítica do Filme e do Vídeo
CTR0650 – História do Audiovisual I
CTR0679 – História do Audiovisual III (c/ Prof. Dra. Esther Hamburger)

III. CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO MINISTRADOS NA ECA

1990

1º Semestre

CTR5718 O Estilo como Categoria de Análise em História do Cinema

1994

1º Semestre

CTR5898 Teoria e Crítica do Realismo Cinematográficos

1996

1º Semestre

CTR-5834 Cinema e História: Alegorias Nacionais

1997

1º Semestre

CTR-5003 Nelson Rodrigues no Cinema

2º Semestre

CTR-5834 Cinema e História: Alegorias Nacionais

1998
2º Semestre
CTR-5003 Nelson Rodrigues no Cinema

1999
2º Semestre
CTR-5834 Cinema e História: Alegorias Nacionais

IV. ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS entre 1990 e 2002, ou em ANDAMENTO

1. INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Adriana Dalla Ono. CNPq. 1993-94

Ranulfo Alfredo Manevy de Pereira Mendes. FAPESP. 1997-98

Leandro Saraiva. FAPESP. 1997-98

Clara Lobo. CNPq. 2000-01

2. MESTRADO

Rubens Luis Ribeiro Junior

Defesa:- 17/05/1990

Título:- SÃO PAULO EM MOVIMENTO: A REPRESENTAÇÃO
CINEMATOGRAFICA DA METRÓPOLE NOS ANOS 20

Antonio Carlos Amâncio da Silva

Defesa:- 24/05/1990

Título:- PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA NA VERTENTE ESTATAL
(EMBRAFILME – GESTÃO ROBERTO FARIAS)

Miguel Angel Lomillos Garcia

Defesa:- 27/10/1993

Título:- UMA POÉTICA DA AUSÊNCIA "EL ESPIRITU DE LA COLMENA" DE
VITOR ERICE

Eduardo Victorio Morettin

Defesa:- 20/10/1994

Título:- CINEMA E HISTÓRIA - UMA ANÁLISE DO FILME OS BANDEIRANTES

Tales Afonso Muxfelt Ab' Saber

Defesa:- 04/08/1995

Título:- O CINEMA PAULISTA DOS ANOS OITENTA: UM PROBLEMA DA CULTURA

Maria Guiomar Pessoa de Almeida Ramos

Defesa:- 24/10/1995

Título:- O ESPAÇO FÍLMICO SONORO EM ARTHUR OMAR

Duvaldo Bamonte

Defesa:- 24/05/1996

Título:- ARRANJOS E DESARRANJOS ENTRE FILME, ESPECTADOR E HISTÓRIA NA FILMOGRAFIA DE PIER PAOLO PASOLINI

Renato Luiz Pucci

Defesa:- 28/08/1998

Título:- FILOSOFIA E IMAGENS NO CINEMA DE WALTER HUGO KHOURI

Carlos Adriano Jerônimo de Rosa

Defesa:- 04/04/2000

Título:- UM CINEMA PARAMÉTRICO – ESTRUTURAL EXISTÊNCIA E INCIDÊNCIA NO CINEMA BRASILEIRO

Adriana Dalla Ono

Defesa:- 11/05/2001

Título:- Roterização de O Mandril: Uma Homologia de Procedimentos

Caio Rubens Amado de Mattos

Defesa:- 18/12/2001

Título:- A FORMAÇÃO DO ESTADO COMO ALEGORIA: REVOLUÇÃO E REGRESSIVIDADE EM IVAN, O TERRÍVEL

Leandro Rocha Saraiva

Defesa:- 19/03/2002

Título:- ANTES DA REVOLUÇÃO E O DESTINO: CRISE DO INTELLECTUAL E DISCURSO INDIRETO LIVRE

3. DOUTORADO

Silvio Augusto Crespo Filho

Defesa:- 05/07/1990

Título:- CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA CARACTERIZAÇÃO DA MÚSICA EM MINAS GERAIS NO SÉCULO SVIII

Mariarosaria Fabris

Defesa:- 14/06/1991

Título:- A ACULTURAÇÃO BRASILEIRA DO NEO – REALISMO DOS MOMENTOS

Fernão Victor Pessoa de Almeida

Defesa:- 15/05/1992

Título:- IMAGENS EM MOVIMENTO

Lucia Nagib

Defesa:- 27/06/1994

Título:- NASCIDO DAS CINZAS. AUTOR E SUJEITO NOS FILMES DE OSHIMA

Rubens Luis Ribeiro Machado Junior

Defesa:- 31/10/1997

Título:- ESTUDO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM TERRA EM TRANSE

Antonio Carlos Amâncio da Silva

Defesa:- 20/10/1998

Título:- EM BUSCA DE UM CLICHÊ: PANORAMA E PASSAGEM DO BRASIL NO CINEMA ESTRANGEIRO

Eduardo Victorio Morettin

Defesa:- 31/08/2001

Título:- OS LIMITES DE UM PROJETO DE MONUMENTALIZAÇÃO CINEMATOGRAFICA: UMA ANÁLISE DO FILME "DESCOBRIMENTO DO BRASIL (1997), DE HUMBERTO MAURO"

Mônica Almeida Kornis

Defesa:- 23/03/2001

Título: UMA HISTÓRIA DO BRASIL RECENTE NAS MINISSÉRIES DA REDE GLOBO

Roberto Franco Moreira
Defesa:- 03/04/2002
Título:- DEUS CONTRA TODOS

Júlio César Lobo
Defesa:- 26/04/2002
Título:- REDE DE REPRESENTAÇÕES (CONFIGURAÇÕES DO
CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO EM SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL NO CINEMA INTERNACIONAL, 1968-1988)

Maria Guiomar Pessoa de Almeida Ramos
Defesa:- 10/05/2002
Título:- UM CINEMA BRASILEIRO ANTROPOFÁGICO? (1970 - 1974)

4. ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO

DOUTORADO

Aída Maria Bastos Nepomuceno Marques (Tese entregue em junho de 2002)

Duvaldo Bamonte (Tese entregue em maio de 2002)

Ranulfo Alfredo Manevy de Pereira Mendes (bolsista FAPESP)

Renato Luiz Pucci Junior (bolsista CNPq)

V. BOLSAS RECEBIDAS (em toda a carreira)

1975/1977: Bolsa Fulbright para cursar programa de Doutorado em Cinema Studies na New York University.

1982: Bolsa da CAPES p/ finalizar Doutorado na New York University.

1986: Bolsa CAPES/Fulbright - Pós-doutorado na New York University, Departamento de Estudos Cinematográficos.

A partir de 1989, Pesquisador do CNPq - nível 1c

Bolsas:

1989/1991: Bolsa de Produtividade CNPq. Tema: Nelson Rodrigues no Cinema.

1991/1993: Bolsa de Produtividade CNPq. Tema: A representação cinematográfica da "tragédia doméstica" no contexto da modernização brasileira em filmes do período 1967/1978.

1993/1995: Bolsa de Produtividade CNPq. Tema : O tema da decadência no cinema brasileiro moderno

1995/1997: Bolsa de Produtividade CNPq. Tema: Alegorias Históricas: teleologias e representações de sua crise

1997/1999: Bolsa de Produtividade CNPq. Tema : Alegorias Nacionais como Monumento

1999/2001: Bolsa de Produtividade CNPq. Tema: A Reflexividade e a Alegoria no Cinema Brasileiro Contemporâneo

2001/2003: Bolsa de Produtividade CNPq. Tema: A figura do ressentimento no cinema brasileiro dos anos 90.

VI. CENTRO DE ESTUDOS DA METRÓPOLE (CEM)

Coordenador do grupo de professores do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP que participa do Centro de Estudos da Metrópole, novo Centro formado pela integração de pesquisadores pertencentes a distintas instituições nele associadas, como o CEBRAP (Sede do CEM), o SEADE, a FAU-USP, a ECA-USP e o SESC. Tal criação se deu em novembro 2000, a partir do Programa FAPESP de criação dos CEPIDs, ou seja, - Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão.

O grupo da ECA integra o setor Cultura do CEM, no eixo da pesquisa, e constitui um Núcleo de Produção Audiovisual, no eixo das atividades de Divulgação do CEM. Professores da ECA que fazem parte do CEM: Maria Dora Genis Mourão, Rubens Machado Jr., Carlos Augusto Calil e Esther Hamburger, além de pós-graduandos.

VII. CURSOS MINISTRADOS EM UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS

1. Cursos Semestrais

- Professor Visitante da New York University, Department of Cinema Studies, durante o primeiro semestre de 1995 (Spring Term).

Cursos de Pós-Graduação ministrados:

“Historical Allegories”

“Seminar on Point of View in Modern Cinema”.

- Professor Visitante da University of Iowa, Communication Studies Department, no primeiro semestre de 1998 (Spring Term).

Curso ministrado para estudantes de pós-graduação e de graduação:

“Topics in Latin American Cinema: Brazilian Cinema”

- Professor Visitante da Université Paris III (Censier) – Sorbonne Nouvelle, UFR Cinéma et Audiovisuel, durante o primeiro semestre de 1999.

Cursos ministrados (em nível de License):

“Cinéma brésilien moderne: Cinema Novo et après”

“Cinéma narratif et histoire: modalités du discours allégorique”.

2. Curso de curta-duração

- Professor convidado a coordenar Seminário-Workshop dentro das “Segundas Jornadas de Historia, Teoria y Estética Cinematográfica” organizadas pelo Centro Cultural Rector Ricardo Rojas, da Universidade de Buenos Aires, entre os dias 26 e 31 de outubro de 1998. Curso ministrado: “Cine y Historia: La Construcción de Alegorias Nacionales”.

VIII. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS JULGADORAS

1. Bancas de Concursos (1990-2002)

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Livre - Docente junto ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas De 27 a 30 de maio de 1991. Candidata:- Profa. Dra. Olgária Chain Feres Matos.

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Associado junto ao Departamento de Artes da Faculdade de Comunicações e Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Dia 07/11/1991. Candidato:- Prof. Dr. Arlindo ribeiro Machado Neto.

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Titular junto ao Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas - Artes - Universidade Federal de Minas Gerais
Dias 10 e 11 de dezembro de 1991.
Candidato: José Américo Ribeiro

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Assistente - Doutor junto ao Departamento de Comunicação Jornalística da Faculdade de Comunicações e Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Dia 01 de setembro de 1993.
Candidato: Fernão Pessoa Ramos

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Processo Seletivo para Contratação de um Docente na Categoria de Professor Adjunto junto ao Departamento de Teoria da Comunicação - Área:- Teoria e Crítica da Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Dias 27 e 28 de setembro de 1993.

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Associado junto ao Departamento de Artes da Faculdade de Comunicações e Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Dia 09/11/1993. Candidata:- Profa. Dra. Stella Maris de Freitas Senra.

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Assistente Doutor na área de Multimeios e suas Interfaces para a disciplina AM525 - Multimeios e Teoria do Cinema junto ao Departamento de Multimeios - Instituto de Artes - Universidade Estadual de Campinas. Dias 06 e 07 de agosto de 1996.

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Livre - Docente junto ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas -
Disciplina:- História da Filosofia Contemporânea
Dias 16 a 19 de junho de 1998.
Candidata:- Profa. Dra. Scarlett Zerbetto Marton.

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Processo Seletivo para Contratação de um Docente na Categoria de Professor Assistente junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Área de Literatura da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Dias 05 a 08 de outubro de 1998.

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Livre - Docente junto ao Departamento de Letras Modernas, área de Língua Inglesa e Norte - Americana - Disciplina:- Estudos da Cultura
Dias 20 a 22 de dezembro de 1999.
Candidata:- Profa. Dra. Maria Elisa Burgos Pereira da Silva Cevasco

Membro da Banca Examinadora do Concurso de Professor Livre - Docente junto ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada - Área: Teoria Literária.
Dias 14 a 17 de agosto de 2000.
Candidata:- Profa. Dra. Iná Camargo Costa

2. Bancas de Exame de Qualificação de Mestrado na ECA-USP (1990-2002)

Candidato: Mario Oliveira Reis Neto
Realizado:- 02/07/1990

Candidato: Alexandre Agabiti Fernandez
Realizado:- 13/09/1990

Candidato: João Oswaldo Leiva Filho
Realizado:- 15/04/1991

Candidato: Miguel Angel Lomillos Garcia
Realizado:- 17/09/1992

Candidato: Bernardo Teixeira de Carvalho
Realizado:- 04/11/1992

Candidato: Sergio Alberto Rizzo Junior
Realizado:- 15/12/1992

Candidato: Eduardo Victorio Morettin
Realizado:- 23/08/1993

Candidato: Arnaldo Marcilio Monteiro
Realizado:- 22/09/1993

Candidato: Lisandro Magalhães Nogueira
Realizado:- 16/06/1994

Candidato: Tales Afonso Muxfelt Ab' Saber
Realizado:- 21/09/1994

Candidato: Miguel Serpa Pereira
Realizado:- 29/09/1994

Candidato: Maria Guiomar Pessoa de Almeida Ramos
Realizado:- 08/12/1994

Candidato: Duvaldo Bamonte
Realizado:- 22/06/1995

Candidato: Renato Luiz Pucci
Realizado:- 03/12/1996

Candidato: Arthur Autran Franco de Sá Neto
Realizado:- 18/03/1997

Candidato: Samuel José Holanda de Paiva
Realizado:- 07/05/1997

Candidato: Rubens Arnaldo Rewald
Realizado:- 19/08/1997

Candidato: Rossana Elisa Foglia
Realizado:- 17/11/1998

Candidato: Carlos Adriano Jerônimo de Rosa
Realizado:- 13/09/1999

Candidato: Mauricio Candido Taveira
Realizado:- 14/10/1999

Candidato: Leandro José Luz Riodades de Mendonça
Realizado:- 18/11/1999

Candidato: Adriana Dalla Ono
Realizado:- 28/09/2000

Candidato: Flavio de Souza
Realizado:- 02/10/2000

Candidato: Maria Regina Reis Martins
Realizado:- 25/10/2000

Candidato: Caio Rubens Amado de Mattos
Realizado:- 30/03/2001

Candidato: Leandro Rocha Saraiva
Realizado:- 01/06/2001

Candidato: Laura Loguercio Cánepa
Realizado:- 02/07/2001

Candidato: Cláudia Cardoso Mesquita
Realizado:- 11/10/2001

Candidato: José Buarque Ferreira
Realizado:- 07/03/2002

3. Bancas de Exame de Qualificação de Doutorado na ECA-USP (1990-2002)

Candidato: Mariarosaria Fabris
Realizado:- 08/03/1990

Candidato: Francisco Cassiano Botelho
Realizado:- 23/08/1990

Candidato: Antonio Fernando Correa Barone
Realizado:- 04/12/1990

Candidato: Fernão Vitor Pessoa de Almeida
Realizado:- 29/11/1991

Candidato: Sunita Pereira Mourão
Realizado:- 20/12/1991

Candidato: Angeluccia Bernardes Habert
Realizado:- 01/09/1992

Candidato: Lucia Nagib
Realizado:- 31/08/1993

Candidato: Evandro José Lemos da Cunha
Realizado:- 08/04/1996

Candidato: Rubens Luis Ribeiro Machado Junior
Realizado:- 19/08/1996

Candidato: Antonio Carlos Amâncio da Silva
Realizado:- 08/12/1997

Candidato: Marco Garaude Giannotti
Realizado:- 15/12/1997

Candidato: Mauro Alejandro Baptista y Vendia
Realizado:- 01/12/1998

Candidato: Janete El Haouli Santos
Realizado:- 23/11/1999

Candidato: Ana Lucia Lobato de Azevedo
Realizado:- 07/12/1999

Candidato: Mônica Almeida Kornis
Realizado:- 11/04/2000

Candidato: Júlio César Lobo
Realizado:- 19/06/2000

Candidato: Eduardo Victorino Morettin
Realizado:- 22/08/2000

Candidato: Maria Guiomar Pessoa de Almeida Ramos
Realizado:- 18/06/2000

Candidato: Roberto Franco Moreira
Realizado:- 07/06/2001

Candidato: Fatimalei Lunardelli
Realizado:- 05/07/2001

Candidato: Duvaldo Bamonte
Realizado:- 09/08/2001

Candidato: Aínda Maria Bastos Nepomuceno
Realizado:- 14/09/2001

Candidato: Osvando José de Moraes
Realizado:- 17/12/2001

Candidato: Maria Thereza Azevedo da Fonseca
Realizado:- 25/02/2002

4. Bancas de MESTRADO na ECA-USP (1990-2002)

Candidato: Hélio Augusto Godoy de Souza

Realizado:- 10/05/1990

Título:- CUBATÃO MEU AMOR A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA E O SI-MESMO

Candidato: João Oswaldo Leiva Filho

Realizado:- 26/11/1991

Título:- O B-A-BÁ CINEMATOGRAFICO

Candidato: Alexandre Agabiti Fernandez

Realizado:- 16/12/1991

Título:- OS DELÍRIOS DO OBSCURANTISMO: DIÁLOGOS COM TERRA EM TRANSE

Candidato: Bernardo Teixeira de Carvalho

Realizado:- 29/04/1993

Título:- A IDENTIDADE TRANSPARENTE - O REALISMO COMO BUSCA DE UMA IMAGEM MÍTICA O CASO WIM WENDERS

Candidato: Arnaldo Marcilio Monteiro

Realizado:- 30/09/1994

Título:- "PAULO HONÓRIO / MADALENA - UM CONTRATO DE ALTO RISCO. Análise de Adaptação do Romance São Bernardo para o Cinema"

Candidato: Sergio Alberto Rizzo Junior

Realizado:- 07/10/1994

Título:- "O ALUSIONISMO E O DESENVOLVIMENTO DO CLOWN NO CINEMA DE WOODY ALLEN"

Candidato: Lisandro Magalhães Nogueira

Realizado:- 14/12/1995

Título:- O AUTOR NA TELEVISÃO. A FICÇÃO SERIADA DE GILBERTO BRAGA

Candidato: Miguel Serpa Pereira

Realizado:- 21/08/1995

Título:- CINEMA E ÓPERA: UM ENCONTRO ESTÉTICO EM WAGNER

Candidato: Rubens Arnaldo Rewald

Realizado:- 27/11/1998

Título:- CAOS / DRAMATURGIA

Candidato: Arthur Autran Franco de Sá Neto

Realizado:- 01/10/1999

Título:- ALEX VIANY: CRÍTICO E HISTORIADOR

Candidato: Rossana Elisa Foglia
Realizado:- 01/09/2000
Título:- O FILME - LIMITE - E O CONTO - A OUTRA MORTE: TEMPO E DISSOLUÇÃO

Candidato: Mauricio Candido Taveira
Realizado:- 08/03/2001
Título:- ENTRELAÇAMENTOS, INTERFACES, HIBRIDISMOS, PASSAGENS EM ANJOS DA NOITE, A DAMA DO CINE SHANGAI E CIDADE OCULTA

Candidato: Maria Regina Reis Martins
Realizado:- 17/08/2001
Título:- A FOTOGRAFIA DE MÁRIO DE ANDRADE: PROJETO PILOTO PARA RECUPERAÇÃO E PRESERVAÇÃO

Candidato: Leandro José Luz Riodades de Mendonça
Realizado:- 14/09/2001
Título:- A CRÍTICA DE CINEMA EM MONIZ VIANNA

Candidato: Cláudia Cardoso Mesquita
Realizado:- 18/03/2002
Título:- A FOLIA DE ADÃO. REPRESENTAÇÃO DOCUMENTAL E ESTUDO DE UMA MANIFESTAÇÃO CATÓLICA POPULAR

Candidato: Laura Loguércio Cánepa
Realizado:- 23/05/2002
Título:- O EXPRESSIONISMO NO CINEMA DE TIM BURTON

5. Bancas de MESTRADO na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (1990-2002)

Candidato: Luiz Renato Martins
Realizado:- 10/04/1992
Título:- CONFLITO E INTERPRETAÇÃO EM FELLINI - CONSTRUÇÃO DA PERSPECTIVA DO PÚBLICO

Candidato: Neide Luzia de Rezende
Realizado:- 17/05/1993
Título:- OS CONDENADOS: O ROMANCE EM MOVIMENTO

Candidato: Cláudio Aguiar Almeida
Realizado:- 24/06/1993
Título:- O CINEMA COMO AGITADOR DE ALMAS. ARGILA, UMA CENA DO ESTADO NOVO

Candidato: Sonia Salzstein Goldberg

Realizado:- 08/04/1994

Título:- ARTE, INSTITUIÇÃO E MODERNIZAÇÃO CULTURAL NO BRASIL / UMA EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL

Candidato: Helga Andre

Realizado:- 04/10/1994

Título:- WOYZECK: UM CONFRONTO ENTRE LITERATURA E FILME

Candidato: Mônica Brincalpe Campo

Realizado:- 28/11/1995

Título:- O DESAFIO E AS VICISSITUDES POLÍTICO - CULTURAIS DAS ESQUERDAS NO POS-64

Candidato: Yanet Aguilera Viruez Franklin de Matos

Realizado:- 16/08/1996

Título:- WENDERS COMO AUTOR

Candidato: Marcelo Pen Parreira

Realizado:- 08/06/2001

Título:- OS PREFÁCIOS DE HENRY JAMES: ANTOLOGIA E COMENTÁRIO

6. Bancas de DOUTORADO na ECA-USP (1990-2002)

Candidato: Francisco Cassiano Botelho

Realizado:- 26/04/1991

Título:- TÉCNICA E ESTÉTICA NA IMAGEM DO NOVO CINEMA DE SÃO PAULO

Candidato: Jean Claude Georges René Bernardet

Realizado:- 26/08/1992

Título:- A NOÇÃO DE AUTOR NO CINEMA - DOMÍNIO FRANCÊ, DOMÍNIO BRASILEIRO - ANOS 50 E 60

Candidato: Adilson José Ruiz

Realizado:- 16/09/1994

Título:- A ESPANHA DE MARIA MEMORIAL CRÍTICO DESCRITIVO

Candidato: Evandro José Lemos da Cunha

Realizado:- 30/08/1996

Título:- A EXTENSÃO COMO ESTRATÉGIA DE MUDANÇA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Candidato: Rosângela Rennó Gomes

Realizado:- 28/08/1997

Título:- CICATRIZ

Candidato: Marco Garaude Giannotti
 Realizado:- 10/07/1998
 Título:- DESVIO PARA A PINTURA

Candidato: Mauro Alejandro Baptista y Vendia
 Realizado:- 03/12/1999
 Título:- QUENTIN TARANTINO: HISTÓRIA, COMENTÁRIO E CULTURA POP NO FILME DE CRIME

Candidato: Janete El Haouli Santos
 Realizado:- 27/03/2000
 Título:- RADIOPAISAGEM

Candidato: Ana Lucia Lobato de Azevedo
 Realizado:- 29/09/2000
 Título:- ÍNDIOS DA TELA: A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO NO LONGA-METRAGEM BRASILEIRO DE FICÇÃO DE 1968 A 1974

Candidato: Eduardo Simões dos Santos Mendes
 Realizado:- 14/11/2000
 Título:- WALTER MURCH: A REVOLUÇÃO NO PENSAMENTO SONORO CINEMATOGRAFICO

Candidato: Antonio do Nascimento Moreno
 Realizado:- 09/08/2001
 Título:- CINEMA IDEOLOGIA E INFÂNCIA, A RECEPÇÃO DAS IDEOLOGIAS EM FILMES ESPANHÓIS DE CRIANÇAS E COM CRIANÇAS - 1953 - 1975

7. Bancas de DOUTORADO na FFLCH-USP (1990-2002)

Candidato: Luiz Roberto Nazário
 Realizado:- 04/11/1994
 Título:- O PAPEL DA IMAGEM NA PREPARAÇÃO DO HOLOCAUSTO

Candidato: Rosangela Patriota
 Realizado:- 22/09/1995
 Título:- FRAGMENTOS DE UTOPIAS (ODUVALDO VIANNA FILHO - UM DRAMATURGO LANÇADO NO CORAÇÃO DE SEU TEMPO

Candidato: José Maria de Oliveira Silva
 Realizado:- 11/10/1996
 Título:- REVER CANUDOS - HISTORICIDADE E RELIGIOSIDADE POPULAR (1940 - 1995)

Candidato: Alcides Freire Ramos

Realizado:- 02/12/1996

Título:- O CANIBALISMO DOS FRACOS: HISTÓRIA / CINEMA / FICÇÃO UM ESTUDO DE 'OS INCONFIDENTES' (1972, JOAQUIM PEDRO DE ANDRADE

Candidato: Alberto de Almeida Prado Tassinari

Realizado:- 24/10/1997

Título:- ESPAÇO E OBRA ENSAIO SOBRE A ARTE MODERNA

Candidato: Sonia Salzstein Goldberg

Realizado:- 01/12/2000

Título:- A QUESTÃO MODERNA - IMPASSES E PERSPECTIVAS NA ARTE BRASILEIRA, 1910 - 1950

Candidato: Luiz Renato Martins

Realizado:- 11/12/2000

Título:- A FABRICAÇÃO DA PINTURA DE MANET A ROTHKO

8. Bancas em OUTRAS INSTITUIÇÕES (1990-2002)

8.1. Exames de Qualificação em nível de Mestrado

Candidato: Lauro Jerônimo Annichino Pinotti

Realizado:- 07 / 05 / 1990

Instituição:- Universidade Estadual de Campinas

Candidato: Fabio Akcelrud Durão

Realizado:- 23/04/1997

Instituição:- Universidade Estadual de Campinas

8.2. Bancas de MESTRADO em outras instituições

Candidato: Lauro Jerônimo Annichino Pinotti

Realizado:- 15 /10 / 1991

Título:- Cinema sem Palavras: Um estudo sobre a existência de um código comum à construção das microestruturas de três filmes sem palavras

Instituição:- Universidade Estadual de Campinas

Candidato: Josette de Souza

Realizado:- 29/10/1992

Título:- Gênese de Deus e o Diabo na Terra do Sol

Instituição:- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Candidato: Regina Ferreira da Silva
Realizado:- 11/06/1993
Título:- Mário Peixoto! Do Olhar a Reflexão
Instituição:- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Candidato: Roberto Franco Moreira
Realizado:- 22/12/1993
Título:- Os Meios Audiovisuais e a Pintura
Instituição:- Universidade Estadual de Campinas

Candidato: Flávia Cesarino Costa
Realizado:- 23/11/1994
Título:- O Primeiro Cinema: Espetáculo, Narração, Domesticação
Instituição:- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Candidato: Francisco José Coelho Saraiva
Realizado:- 06/09/2000
Título:- O Cinema no Limite: A Máquina de Espaço - Tempo de Mario Peixoto
Instituição:- Universidade de Brasília - UNB

Candidato: Tiago Mata Machado Aguiar
Realizado:- 23/02/2001
Título:- Godard Polifônico - Genealogias do Cinema Moderno
Instituição:- Universidade Estadual de Campinas

8.3 Bancas de DOUTORADO em outras instituições (1990-2002)

Candidato: Denilson Lopes Silva
Realizado:- 13/03/1997
Título:- Nós, os Mortos
Instituição:- Universidade de Brasília - UnB

Candidato: Josette Maria Alves de Souza Monzani
Realizado:- 01/06/1998
Título:- Deus e o Diabo na Terra do Sol: Uma Arqueologia das Imagens
Instituição:- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Candidato: Henri Arraes Gervaiseau
Realizado:- 24/03/2000
Título:- O Abrigo do Tempo
Instituição:- Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Candidato: Flávia Cesarino Costa

Realizado:- 18/12/2000

Título:- Antes da Narrativa Linear: Tempo e Modernidade no Primeiro Cinema (1895 / 1907)

Instituição:- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Candidato: Henrique Luiz Pereira Oliveira

Realizado:- 27/04/2001

Título:- Tecnologias Audiovisuais e Transformação Social: O Movimento de Vídeo Popular no Brasil (1984 / 1995)

Instituição:- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Candidato: Edmilson Felipe da Silva

Realizado:- 26/06/2001

Título:- Por uma História do Riso: Carlos Manga e a Chanchada no Brasil

Instituição:- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

IX. PROGRAMAÇÃO DE ATIVIDADES DE PROFESSORES ESTRANGEIROS EM VISITA À USP

1. Junho de 1990: Seminário do Prof. Robert Stam, da Universidade de Nova York. “Representação nos media – o modelo de Mikhail Bakhtine”, realizado entre os dias 18 e 22 e endereçado aos professores e alunos de pós-graduação selecionados.

2. 28-08 a 2-09 de 2000: Organizador do Seminário sobre “Cinema e Arquitetura”, com a presença do Professor convidado Hans-Joachim Schlegel, da Universidade de Berlim.

Local: CINUSP PAULO EMILIO

3. 16 a 20 de outubro de 2000: Seminário sobre “A imagem e a figura”, com o Professor Convidado Philippe Dubois, da Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle), no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA, e endereçado a professores e alunos de pós-graduação selecionados

4. 07 a 21 de agosto de 2001: Seminário do Prof. Vicente Sánchez-Biosca, da Universidade de Valência, “Cinema e História”, realizado no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA, e endereçado aos professores e alunos de pós-graduação.

X. CARGOS E FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS NA ECA- USP (1990-2002)

Tipo do Colegiado: Comissão de Ensino do CTR
 Tipo de Participação: Coordenador
 Início / Término: 1989 - 1991

Tipo do Colegiado:- Comissão de Pesquisa do CTR
 Tipo de Participação:- :- Coordenador da Comissão
 Início / Término: 1989- 1991

Tipo do Colegiado:- Comissão de Graduação
 Tipo de Participação:- :- Membro da Comissão
 Início / Término:- 1989- 1991

Tipo do Colegiado:- Conselho Departamental
 Tipo de Participação:- Vice-Chefe do CTR
 Início / Término:- 1993– 1996

Tipo do Colegiado:- Conselho Departamental
 Tipo de Participação:- Vice-Chefe do CTR
 Início / Término:- 1998 - 2002

Tipo do Colegiado: Comissão Departamental de Pós – Graduação
 Tipo de Participação: Membro da Comissão
 Início / Término: 1998/2001

A partir de 2001, passou a ser o Coordenador da Comissão de Pós-Graduação do Departamento.

Tipo de Colegiado: Comissão de Pós-Graduação da ECA
 Tipo de Participação: Membro da Comissão
 Início / Término: 2001/2004

XI. FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS NA USP (1990-2002)

Tipo do Colegiado:- Comissão Especial de Regimes de Trabalhos
 Tipo de Participação:- :- Membro da CERT
 Início / Término: 1992- 1997
 Unidade: Reitoria

Tipo do Colegiado:- Comissão Permanente de Avaliação
 Tipo de Participação:- Membro da CPA
 Início / Término: 1992-1997
 Unidade: Reitoria

XII. ATIVIDADES DE COORDENAÇÃO OU ASSESSORIA A AGÊNCIAS DE FOMENTO

1. Membro da Coordenadoria de Ciências Humanas da FAPESP, de 01 de setembro de 1990 até 28 de fevereiro de 1999.
2. Assessor ad hoc do CNPq, da CAPES e da FAPESP
3. Assessor ad hoc da John Simon Guggenheim Memorial Foundation (Nova York)

XIII. CONSELHOS EDITORIAIS DE REVISTAS ACADÊMICAS

Revista Novos Estudos CEBRAP
CEBRAP - São Paulo
(a partir de 1996)

Revista Literatura e Sociedade
Departamento de Teoria Literária - USP
(a partir de 1997)

XIV. COORDENAÇÃO DE COLEÇÃO DE LIVROS NA EDITORA COSAC & NAIFY, DE SÃO PAULO.

A partir de 2001, Coordenador da Coleção “Cinema, Teatro e Modernidade” na qual foram publicados já três livros:

Charney, Leo & Schwartz, Vanessa (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2001

Szondi, Peter. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. 2001

Albera, François. *Eisenstein e o construtivismo russo*. 2002

XV. PARTICIPAÇÃO EM JÚRIS

- Membro da Comissão Julgadora do Projeto Nascente da Pró-Reitoria de Extensão Universitária da USP, no ano de 1991.
- Membro da Comissão Julgadora da Bolsa VITAE de Artes (área: cinema, fotografia e vídeo) nos anos 1997 e 1999.
- Membro do Júri do Concurso Nacional de Clipoemas, promovido pela Fundação Cultural de Curitiba, em novembro de 2001.
- Membro do Júri do VI International Festival of Film Schools, realizado na Cidade do México, entre 31 de novembro e 7 de dezembro de 2001, no Centro de Capacitação Cinematográfica, como o apoio da CILECT (International Association of Cinema and Television Schools).
- Membro do Júri do Festival Internacional do Documentário – “Tudo é Verdade”, promovido pela Associação Kinoforum, em São Paulo, abril de 2002.

XVI. MEMBRO DE CONSELHOS DE ENTIDADES CULTURAIS

1977/...Membro do Conselho Consultivo da Cinemateca Brasileira, do Ministério da Cultura.

2001/... Membro do Conselho Petrobrás de Cinema (Rio de Janeiro) de apoio a Filmes e Vídeos de Curta-metragem e publicações sobre cinema brasileiro.

XVII. CURSOS DE CURTA DURAÇÃO NO BRASIL

2000

“Práticas de Análise do Discurso Cinematográfico”. Curso em nível de Mestrado na área de Comunicações e Linguagens, 20h de aula. Universidade Tuiuti do Paraná. Dias 28 e 29 de julho.

2001

Curso de 8 horas ministrado no Centro Itaú Cultural., dentro da Série “Diálogos da Literatura com o Cinema e a TV”, nos dias 24 e 25 de julho. Tema do curso: Nelson Rodrigues no Cinema: o Folhetim, o Drama e a Tragicomédia.

2002

Curso ministrado dentro da série “Grandes Cursos Cultura”, no auditório Franco Zampari da TV Cultura Canal 2, entre os dias 14 e 23 de maio de 2002. Tema do curso: O cinema clássico no espelho de Hitchcock.

XVIII. PUBLICAÇÕES

1. TESES

Mestrado (1975): “À procura da essência do cinema: o caminho da avant-garde e as iniciações brasileiras”- Letras - Teoria Literária, F.F.L.C.H. - USP

Doutorado (1980): “A narração contraditória: Glauber Rocha (1962-64)”
Letras - Teoria Literária, F.F.L.C.H. - USP

PhD -Doutorado (1982): “Allegories of Underdevelopment: from the aesthetics of hunger to the aesthetics of garbage”
Department of Cinema Studies - New York University
Tese disponível no University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan, EUA.

Livre Docência (1989): “Alegorias do desengano: o Cinema Novo e a modernização conservadora”. Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da E.C.A. - USP

2. LIVROS

O Discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977 (2ª. edição revisada e ampliada, 1984).

Sétima Arte: um culto moderno. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.

A Experiência do Cinema (org.). Rio de Janeiro, Editora Graal, 1983.
(2a. edição c/ posfácio, 1991).

Sertão Mar: Glauber Rocha e a estética da fome. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

D.W.Griffith: o nascimento de um cinema. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

O Desafio do Cinema (em colaboração com Jean-Claude Bernardet e Miguel Pereira).Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1993 (2a. edição no prelo, para o 2o. semestre de 2002)

O Cinema no Século (org.). Rio de Janeiro, Imago, 1996

Allegories of Underdevelopment: Aesthetics and Politics in Brazilian Modern Cinema. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1997.

O cinema brasileiro moderno. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2001.

3. TRABALHOS COMPLETOS EM PERIÓDICOS ACADÊMICOS E REVISTAS ESPECIALIZADAS (1990-2002)

“Alegoria, Modernidade, Nacionalismo” in *Novos Rumos* n.16, São Paulo, 1990.

“Cinéma Politique et genres traditionnels: force et limites de la matrice mélodramatique”, in *Cinémas d’Amérique Latine* n.1, Dossier: Le Mélo, pp.46-51. Toulouse, França, 1993.

“Cinema político e gêneros tradicionais: a força e os limites da matriz melodramática”, in: *Revista USP*, no. 19, set-nov 1993.

“Pais Humilhados, Filhos Perversos - Jabor filma Nelson Rodrigues”, in *Novos Estudos* - CEBRAP n.37, nov. 1993.

“O Cinema Moderno Segundo Pasolini” in *Revista de Italianística*, Universidade de São Paulo, Março de 1994.

“Vícios Privados, Catástrofes Públicas - a Psicologia Social de Arnaldo Jabor”, in *Novos Estudos* - CEBRAP n.39, Julho de 1994.

“Paulo Emilio e o estudo do cinema”, in *Estudos Avançados* vol. 8 n. 22, set-dez. 1994.

“Parábolas Cristãs no Século da Imagem”, in *Imagens* no. 5, Agosto-Dezembro de 1995, Campinas, Edunicamp.

“The Humiliation of the Father: Melodrama and Cinema Novo’s Critique of Conservative Modernization” in *Screen* vol.38 no. 4, Special Issue on Latin American Cinema, 1997.

“O olhar e a voz: a narração multifocal do cinema e as cifras da história em *São Bernardo*”, in *Literatura e Sociedade* no. 2 , 1997.

“*Os Deuses e os Mortos: maldição dos deuses ou maldição da história?*” in *Ilha do Desterro* n.32, jan-jun 1997. No. especial s/ Cinema, Literatura e História, UFSC.

“O cinema brasileiro moderno”, in *Cinemais* no. 4, março-abril de 1997.

“A personagem feminina como alegoria nacional no cinema latino-americano” in *Balalaica* no.1 , 1997.
(texto republicado em *Nossa América - Revista do Memorial da América Latina* no.17, em 2002)

“*O que isso, companheiro?: as ilusões do olhar neutro e a banalização*” in *Praga* n.3, setembro de 1997.

- “From the religious moral sense to the post-Freudian common sense: Images of National History in Brazilian Tele-fiction”, in *Studies in Latin American Culture* vol. 17, 1998.

“*A Falecida e o realismo, a contrapelo, de Leon Hirszman*” in *Novos Estudos - CEBRAP* n.50, março de 1998

“Inventar narrativas contemporâneas” in: *Cinemais* n.11, maio-junho 1998

“Eldorado como inferno: Cinema Novo, pós-Cinema Novo e as apropriações da imagem do descobrimento” in *Sexta-feira* no. 3, Dep. Antropologia FFLCH-USP, setembro de 1998.

- “Cinema e tragédia”, in *Estudos de Cinema* no.2. São Paulo, EDUC, 1999

- “Mouvements tatiques pour un temps sans stratégies”, in *Cinemas d’Amérique Latine*, no.7, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1999.

- “Nelson Rodrigues no Cinema (1952-1998)”, in *Cinemais* no. 19, out-dez 1999.

- “De monumentos e alegorias políticas: a Babilônia de Griffith e a dos Taviani”, in *Estudos de cinema* no. 2 PUC-SP, 2000.

-“Le cinéma brésilien et la musique” in *Cinemas d’Amérique Latine* no. 8, março 2000, Presses Universitaires du Mirail, Toulouse, França.

-“Melodrama ou a sedução da moral negociada”, in: *Novos Estudos*,no.57, 2000.

- “O cinema brasileiro dos anos 90” in *Praga* n.9, junho de 2000.
- “O trágico em debate: correções e esclarecimentos”, in *Estudos de cinema* n.3, EDUC-SP, 2000
- “El cine moderno brasileño” in *Archivos de la Filmoteca* n.36, out-2000, Valência (Espanha)
- “Nelson Rodrigues: del teatro a la pantalla” in *Archivos de la Filmoteca* n.36, out-2000, Valência (Espanha).
- “Viagem pela heterodoxia”, in *Significação: Revista Brasileira de Semiótica* n.14, nov.de 2000.
- “L’ envers du Brésil” em *Cinemas de l’Amérique Latine* n. 9, Toulouse (França), Presses Universitaires du Mirail, 2001
- “O mito, a mídia, a cena doméstica e a cidade em *Boca de Ouro*, de Nelson Pereira dos Santos” em *Novos Estudos - CEBRAP* n.61, Editora Brasileira de Ciências, 2001
- “O concerto do ressentimento nacional”, in *Sinopse-Revista de Cinema* n.8, 2002

4. CAPÍTULOS DE LIVROS

- “Transformation of National Allegory: Brazilian Cinema from Dictatorship to Redemocratization” in *Resisting Images: Essays on Cinema and History* (ed. Robert Sklar & Charles Musser), Philadelphia, Temple University Press, 1990. (em colaboração com Robert Stam).
- “La estructura melodramatica en el cine de los anos 80” in *Memória del XI Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano*. Cidade do México, 1990.
- “*Iracema: Transcending Cinéma Vérité*”. Capítulo do livro *The Social Documentary in Latin America* (org. Julianne Burton), Pittsburg, Univeristy of Pittsburg Press, 1990.
- Prefácio do livro *Ensaio-Cinema*, de André Bazin. São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.
- Prefácio do livro *Praxis do Cinema*, de Noel Burch. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.

- “Eldorado as Hell - Cinema Novo and Post Cinema Novo: Appropriations of the Imaginary of the Discovery”, in *Mediating Two Worlds: Cinematic Encounters in the Americas*. Org. John King, Ana M. Lopez e Manuel Alvarado. Londres, BFI Publishing, 1993.
- “Eisenstein: A Construção do Pensamento por Imagens”, in *Artepensamento* (org. Aduardo Novais). São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- “As figurações do tempo”, in *Arte/Cidade: cidade sem janelas* (catálogo, org. por Nelson Brissac). São Paulo, Editora Marca D’Água, 1994
- “Troca de olhares, com ouvido a espreita”, in *Cinepoética: Júlio Bressane*, org. por Bernardo Vorobow e Carlos Adriano. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1995.
- “Il Cinema Moderno Brasiliano”. In *Prima e Dopo la Rivoluzione—Brasile Anni ‘60: dal Cinema Novo al Cinema Marginal*, Marco Giusti e Marco Melani (org.). Turim, Landau, 1995.
- “The Shape of Brazilian Cinema in the Postmodern Age” (em colaboração com Robert Stam e João Luiz Vieira). In *Brazilian Cinema* (3a. edição, ampliada), Randal Johnson e Robert Stam (org.). New York, Columbia University Press, 1995.
- “Cinema e Teatro: a noção clássica de representação e a teoria do espetáculo, de Griffith a Hitchcock” in *O Cinema no Século*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- “Brazilian Modern Cinema”, in *Cinema Novo and Beyond*, organizado por João Luiz Vieira, New York, Museum of Modern Art, 1998.
- “Bang Bang”, in: *O Cinema Brasileiro de O Pagador de Promessas a Central do Brasil* (organizado por Amir Labaki). SP, Publifolha, 1998.
- “Historical Allegory” in *A Companion to Film Theory*, organizado por Toby Miller e Robert Stam, Oxford, Blackwell Publishers, 1999.
- “Alegorias del subdesarrollo”, in *Absurdo Brasil: polémicas en la cultura brasileña* (organizado por Adriana Amante e Florencia Garramuño). Buenos Aires, Editorial Biblos, 2000.
- Coordenador da equipe que elaborou os verbetes sobre o cinema brasileiro, para a *Encyclopedia of Contemporary Caribbean and Latin American Culture*. Londres, Routledge Pub., 2000.

- “O Cinema Marginal revisitado, ou o avesso dos anos 90”, in *Cinema Marginal e suas fronteiras*” (org. Eugênio Puppó e Vera Haddad). São Paulo, Centro Cultural Banco do Brasil, 2001.
- “Black God, White Devil: the Representation of History”, no livro *The Historical Film: History and Memory in Media* (organizado por Marcia Landy). New Brunswick, Rutgers University Press, 2001.
- “The Baroque, the Modern, and Brazilian Cinema” em co-autoria com Robert Stam. In *Brazil: Body and Soul*, organizado por Edward J. Sullivan. Nova York, Guggenheim Museum Publications, 2001.
- “El lugar del crimen: la notion clásica de la representación en la teoría del espectáculo, de Griffith a Hitchcock” em *Interrogaciones sobre Hitchcock* , organizado por Eduardo Russo. Buenos Aires, Ediciones Simurg, 2001.
- “As figuras do ressentimento no cinema brasileiro dos anos 90” in *Estudos de cinema 2000 - Socine* . Organizado por José Gatti, Fernão Ramos, Afrânio Catani e Maria Dora Mourão. Porto Alegre, Editora Sulina, 2001
- Prefácio do livro *O cinema e a invenção da vida moderna*. Leo Charney e Vanessa Schwartz (org.). São Paulo, Cosac & Naify, 2001.

5. ARTIGOS EM REVISTAS CULTURAIS E SUPLEMENTOS DE JORNAIS (1990-2002)

- “Os lapsos do sistema”, in *Jornal de Resenhas* n.14, 10-05-96, Discurso Editorial-USP-Folha de São Paulo.
- “Glauber, trágico e nacional”, in *Jornal de Resenhas* n.18, 13-09-96, Discurso Editorial-USP-Folha de São Paulo
- “O avesso do Brasil”, in *Folha de São Paulo- Suplemento Mais!*, 17-01-1997
- “Melodrama, ou a sedução da moral negociada”, in *Folha de São Paulo- Suplemento Mais!*, 31 de maio de 1998.
- “Fundador do cinema brasileiro moderno” (entrevista), in *Jornal de Brasília*, 27-09-98. Brasília.
- “Movimentos táticos para um tempo sem estratégias” in *Rumos* n.1, dez 98/ jan 99, publicação da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil.

- "Anatomia da decadência", in *CULT-Revista Brasileira de Literatura* n.41, dez. 2000. São Paulo, Lemos Editorial.
- "Encontros inesperados" (entrevista), in *Folha de São Paulo-Suplemento MAIS!*, 03-12-2000.
- "O drama barroco de Glauber Rocha", in *Folha de São Paulo (Ilustrada)*, 22-08-01.
- "As ironias da formação", in *Jornal de Resenhas* n.83, 09-03-02, Discurso Editorial-USP-Unesp-UFMG-Unicamp-Folha de São Paulo.

XIX. COMUNICAÇÕES EM CONGRESSOS E PALESTRAS (1990-2002)

1990

Comunicação no "III Encontro Nacional de Comunicação e Cultura Contemporâneas" na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, em 05 de abril.

Tema: "Imagem - Cinema e Teatro".

Comunicação "O cinema de ficção e Oswald de Andrade", proferida no dia 04/abril/90, no Seminário "Encontro Oswald de Andrade", UNICAMP, de 02 a 07 de abril.

Comunicação na Mesa redonda "A Problemática do Contemporâneo" no I Congresso Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes - Perspectivas das Artes, realizado em São Paulo no período de 23 à 26 de abril.

Comunicação na Mesa Redonda "Projeção de Filmes da Era Vargas Produzidos pelo D.I.P." no Seminário "Vargas e os Trabalhadores: Rupturas e Continuidade", promovido pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, em 17 de maio.

1991

Comunicação no Seminário "Comunicação e Artes em Tempo de Mudança: Brasil, 1966-1991", realizado pela ECA-USP, entre 10 e 14 de junho, no Auditório do SESC Paulista.

Tema: "A comunicação de massa em ritmo de indústria cultural". Data: 11 de junho.

Comunicação no Seminário "Arte e Informação, Diagnósticos e Perspectivas" promovido pelo Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, no Rio de Janeiro em 07 de agosto. Tema: Informação e Sociedade.

Palestra no International Film Symposium - "Japanese Cinema as Viewed by the World: a History and Evaluation of this Perception", promovido pelo Museum of Modern Art of Tokyo, entre 27 de setembro e 5 de outubro. Data da palestra: 4 de outubro.

Título: "Japanese Cinema in Brazil: a brief retrospective view".

1992

Palestra na Association Nationale pour la Formation et l'Information Artistique et Culturelle, sediada em Paris, França. Data: 20 de fevereiro.

Título: "Le cinéma Brésilien avec ses modes de financement".

Debatedor no I Congresso sobre o Ensino das Artes nas Universidades", promovido pela ECA-USP, a FAU-USP e o MAC-USP, entre 11 e 14 de maio.

Comunicação proferida na "Melodrama Conference - Stage, Picture, Screen", organizada pelo British Film Institute, em Londres, entre 5 e 11 de julho. Data: 9 de julho.

Título: "The humiliation of the father: the use of melodrama by Cinema Novo".

Comunicação proferida no Seminário sobre o cineasta e escritor Pier Paolo Pasolini, realizado no Departamento de Letras Modernas (área de italiano) da F.F.L.C.H. da USP, em outubro. Título: "O Cinema Moderno segundo Pasolini".

Palestra no Evento "Centenário de Nascimento de Graciliano Ramos", na Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo, 26 de outubro. Tema: "Graciliano Ramos no Cinema".

Palestra no Curso de Difusão Cultural "Indagações sobre Pier Paolo Pasolini", promovido pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no período de 04 e 05 de novembro.

Tema: O Cinema e a Metáfora da Vida e da Morte".

Comunicação na Mesa redonda "Multimídia e Linguagens na Contemporaneidade" no I Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, COMPÓS, na Escola de Comunicação da UFRJ, no período de 18 a 21 de novembro.

Participação no III Encontro Latino Americano de escolas de Cinema e TV, promovido pelo Departamento de Cinema, Rádio e TV da Escola de Comunicações e Artes da USP e pela Federación de Escuelas de Imagen y Sonido de América Latina, no período de 24 a 28 de novembro.

1993

Palestra realizada na Semana de Vídeo: "O Golpe de 64", promovida pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1 de abril.

Tema: "Análise de *Terra em transe*".

Palestra realizada no I Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes em São João del-Rei, no período de 26 a 28 de maio. Tema: "*Terra em Transe: Alegoria e Agonia*".

Palestra no Instituto de Estudos Avançados da USP. Título: "Ármando Jabor lê Nelson Rodrigues". Data: 29 de setembro

Palestra realizada no Curso "Introdução a Linguagem Cinematográfica" promovido pelo Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais em 1 de outubro.

Tema: "Cultura e Política nos anos 60".

Comunicação no Seminário "Cinemas Novos e Cinema Novo" promovido pelo I Eurocine - Festival de Cinema Europeu no Museu da Imagem e do Som em 20 de novembro.

1994

Palestra na Cinemateca Brasileira, na Série Arte-Cidade, Módulo I, organizada por Nelson Brissac Peixoto. Título: "A questão da opacidade na representação visual da cidade contemporânea". Data: 17 de março.

Comunicação na Mesa Redonda "Produção Cultural e Política?" do Seminário "O Golpe de 64: 30 anos" realizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP no período de 21 a 24 de março.

Palestra realizada no Curso de Difusão Cultural Da Letra à Imagem: Relação entre Literatura e Cinema Italianos, promovido pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo no período de 16 de abril a 25 de junho. Data: 16/04

Tema: Literatura e Cinema

Palestra no Museu da Imagem e do Som, São Paulo, dentro da Série "O Cinema no Século". Título da palestra: "Cinema e Teatro-a noção clássica de representação e a teoria do espetáculo, de Griffith a Hitchcock". Data: 05 de agosto.

Comunicação no Grupo de Trabalho Comunicação Visual no III Encontro Anual da COMPÓS, realizado no Instituto de Artes - Pós Graduação em Multimeios da UNICAMP, no período de 21 a 27 de agosto. Título: "O Cinema e o Vídeo no Circuito dos Museus - A Tradição e a Experiências Recente".

Palestra realizada no Evento Comemoração dos 20 anos de Mestrado da Faculdade de Comunicação da UNB em 23 de setembro.

Tema: "A Invenção do estilo de Glauber Rocha".

1995

Comunicação no II Encontro da BRASA - Brazilian Scholar Association, realizado em maio, na Universidade de Minnesota (Minneapolis-USA). Data: 1 de maio.

Título: "Alegorias Históricas no Cinema de Glauber Rocha".

Palestra na IX Semana de Estudos Lingüísticos e Literários: Cem anos de Cinema, promovido pelo Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras na Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara em 24 de agosto.

Tema: Nelson Rodrigues e o cinema

Palestra na Japan Foundation, em Tóquio, por ocasião do Festival Internacional de Cinema de Tóquio, no dia 16 de outubro.

Título: "Modern Brazilian Cinema"

Palestra no Curso de Férias "Cultura Brasileira 1945 - 1995", promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo no dia 12 de julho.

Tema: "Panorama do Cinema Brasileiro".

Comunicação na Mesa Redonda "Multimídia e Linguagem na Contemporaneidade" na IV Reunião Anual da COMPÓS, promovida pela Associação Nacional dos Programas de Pós - Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Data 20 de novembro.

1996

Palestra de Abertura do XXVIII Seminário dos Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa, promovido pela ABRAPUI, em Ouro Preto (MG), de 29 de janeiro e 02 de fevereiro, com o tema geral "Literatura e Cinema".

Título: "Voice and Image: First Person Narration in Leon Hirzsmann's São Bernardo".

Comunicação na Mesa Redonda no dia 14/08, "O Imaginário Cultural do ponto de vista do Cinema", parte do Encontro Brasil-Argentina: Cinema Imaginário, Política Cultural para Integração, promovido pelo CINUSP Paulo Emílio da Universidade de São Paulo.

Tema: "Comentário aos filmes argentinos exibidos na Mostra"

Palestra no Cine-Clube Antônio das Mortes, Goiânia, no dia 29 de junho.

Título: "A Representação do espaço-tempo no cinema contemporâneo".

Palestra realizada no Programa de Pós - Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP em 18 de setembro.

Tema: "A narração multifocal no cinema"

Comunicação no Fifth Latin American Popular Culture Conference, promovido pela

Tulane University, New Orleans (USA), de 17 a 20 de outubro.

Título: Fiction on Brazilian Television: from the religious moral sense to the post-Freudian common sense"

Palestra no III Encontro Bienal da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 17 de novembro. Título: "Antonioni: o rigor geométrico no vazio dos afetos".

Palestra realizada no Centro de Estudos da Cultura da PUC / SP, em 22 de novembro. Tema: "Voice - Over: A Narração em Primeira Pessoa no Cinema".

1997

Comunicação no Seminário "Le cinéma et l'audiovisuel", promovido pela Association Française d'Action Artistique, do Ministério da Cultura da França, em Paris, entre 13 e 20 de fevereiro.

Título: "L'Art Cinématographique: langages et archétypes"

Comunicação no II Seminário de Pesquisa Humanidades: A Pesquisa na Avaliação do Mérito Acadêmico, realizado na USP no período de 17 a 19 de março. Tema: "A Pesquisa nas Humanas e os Critérios de Avaliação do Mérito Acadêmico".

Comunicação no Seminário "Mortos e Desaparecidos Políticos: Reparação ou Impunidade", realizado no Anfiteatro de História da USP no período de 8 a 10 de abril. Tema: "Os anos 60 e 70 hoje na mídia".

Comunicação no ciclo "Mito e cinema na terra do Sol", realizado no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, 24 de abril.

Título: "O sertão e o Cinema Novo: formação e crise".

Comunicação no Seminário "Estética da multiplicidade", por ocasião do 7o. FESTIVAL CINE CEARÁ, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, realizado entre 6 e 12 de junho.

Tema da Mesa: "Os contornos da dramaturgia brasileira".

Palestra no Centro de Referência Áudio-Visual de Belo Horizonte em 21 de agosto.

Tema: "O Cinema como Monumento - Griffith, Lang e Eisenstein na Era dos Nacionalismos".

Comunicação apresentada no 1º Encontro Anual da Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema), realizado no Auditório da ECA-USP, entre 06 e 08 de setembro.

Tema: "A idade da Terra e a Representação da decadência em Glauber Rocha".

Comunicação no Congresso sobre o cinema de vanguarda, "Art Cinema", promovido pelo Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, entre 03 e 07 de dezembro.

Título: "O cinema experimental no Brasil"

1998

Comunicação apresentada na Society for Cinema Studies 1998 Conference, realizada entre 4 e 7 de abril de 1998, em San Diego (Califórnia- USA), mesa do dia 5 de abril..

Título: "Brazilian Cinema in the 1990s, a New Wave?".

Palestra realizada na XVI Semana de História: "Emergências da Liberdade", realizada na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista - Campus Assis, no período de 26 a 28 de maio.

Tema: "Alegorias da Liberdade: Cinema Novo".

Comunicação no debate realizado no Auditório da Folha, promovido pelo Jornal Folha de São Paulo em parceria com a revista "Estudos de Cinema", em 1 de setembro.

Tema: "Cinema e Tragédia".

Palestra realizada na Semana de História - Imagens do Brasil, promovida pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Centro de Ensino Unificado de Brasília-CEUB. Data da palestra: 9 de setembro.

Tema: "Cinema e História, no filme *O que é isso, companheiro?*, de Bruno Barreto".

Comunicação no Seminário Cinemais da XXV Jornada Internacional de Cinema da Bahia, realizado no Instituto Cultural Brasil / Alemanha nos dias 14 e 15 de setembro.

Título: "Leon Hirszman e o cinema moderno"

Palestra no Centro Cultural Ricardo Rojas, da Universidade de Buenos Aires, no dia 31 de outubro, por ocasião das "Segundas Jornadas de Historia, Teoria y Estética Cinematográfica" (26 a 31 de outubro). Título da palestra: "El lugar del crimen: le teoria del cine en los filmes de Hitchcock"

1999

Participação no Rencontres Professionnelles du Moulin d'Andé Ceci-Centre des écritures cinématographiques, organizado por Jean Breschand: "Écriture Critique, État de Veille". Encontro realizado nos dias 13 e 14 de março.

Comunicação no Rencontres Cinémas d'Amérique Latine, organizado pela Cinemateca e pela Universidade de Toulouse (França), entre os dias 17 e 20 março.

Título: "Mouvements tactiques pour un temps sans stratégies".

Comunicação no Seminário "Latin American Cinema - theory and praxis", organizado por Stephanie Dennison na University of Leeds, Inglaterra, nos dias 28 e 29 de junho.

Título: "Nelson and Nelson: mirror images in *Boca de Ouro*".

Comunicação no Seminário "Cultura e Globalização: Novos Desafios para a Televisão e o Cinema Brasileiro", promovido pelo Ministério da Cultura em Salvador em 22 de novembro de 1999. Tema: Televisão, Cinema e Identidade Cultural.

Comunicação na Mesa Redonda "Estruturas Dramáticas do Cinema na Atualidade", realizada no Seminário "Cultura, Cinema e Educação: Formação de Platéia" do 32º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, promovido pela Secretaria de Cultura de Brasília no período de 23 a 30 de novembro.

2000

Comunicação no debate do "Projeto Curta às Seis", promovido pelo Espaço Unibanco em São Paulo nos dias 05 e 06 de abril.

Tema do Debate: "A Estética nos Curtas-Metragens Brasileiros".

Palestra realizada no projeto "Fórum de debates e Ficção Contemporânea e Indústria Cultural", promovido pela Coordenadoria de Eventos Culturais e pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos em 18 de maio de 2000.

Tema: "Análise do filme *Boca de Ouro*".

Comunicação na Semana "Brasil: outros quinhentos", promovida pela Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, entre 22 e 26 de maio. Mesa

redonda: Imagens do Brasil. Título: "Imagem e personagem: o retorno da questão do caráter nacional no cinema brasileiro".

Palestra de Abertura no Seminário "Brazilian Cinema: Roots of the Present, Perspectives for the Future", organizado pelo "Centre of Brazilian Studies", Oxford University, Oxford, Inglaterra, nos dias 2 e 3 de junho. Coordenador: Leslie Bethell. Título da palestra: "Brazilian Cinema in the 1990's: the unexpected encounter and the resentful character".

Palestra no Curso "Arte e Cinema", organizado pela Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, no período de 27 à 30 de outubro. Título da palestra: "Alegoria e história no filme *Outubro* de Eisenstein".

Palestra realizada no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Processos Comunicacionais do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP, em 31 de outubro.

Tema: "Orson Welles e a crise do sujeito no mundo contemporâneo."

Comunicação no IV Encontro da SOCINE, realizado em Florianópolis, Santa Catarina, entre 8 e 11 de novembro.

Título: "A figura do ressentimento no cinema brasileiro dos anos 90".

2001

Palestra no Ciclo "Cinema Brasileiro Anos 90: 9 questões", promovido pelo Centro Cultural Banco do Brasil (Rio de Janeiro) e pela Universidade Federal Fluminense, entre 16 e 25 de março. Tema: "Como se constrói um país?"

Palestra na Retrospectiva de filmes e vídeos de Arthur Omar: "A lógica do êxtase", no CCBB-Rio de Janeiro. Tema: "Fronteiras do cinema". Dia 24 de maio de 2001

Palestra na Mostra "Cinema Marginal" - filmes produzidos nas décadas de 60 e 70. Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, maio. (Repetição no CCBB - Rio de Janeiro, em março de 2002). Título: "O cinema e o vídeo de Arthur Omar: perfil".

Palestra de Abertura do II Seminário Interno da Pós-Graduação e Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense. Título da palestra: "Graciliano Ramos na Tela: *São Bernardo*". Data: 6 de junho..

Participação no XXI Simpósio Nacional de História - A História no Novo Milênio: entre o Individual e o Coletivo, promovido pela ANPUH e realizado em Niterói, na Universidade Federal Fluminense, entre os dias 22 e 27 de julho. Mesa Redonda: Cinema e História: o estatuto da imagem e da oralidade na memória do Holocausto

Comunicação no Seminário "Dramaturgia do Cinema Latino-americano", realizado por ocasião do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, de 20 a 27 de novembro, em Brasília.

2002

Palestra na Exposição "Construtivismos: Revolução Russa 1917-29, América Latina 1940-70, Desenvolvimento", organizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil-São Paulo . Mesa no dia 17 de fevereiro, com a artista Lygia Pape. Tema: "Lygia Pape: artista gráfica do Cinema Novo".

Comunicação no Encontro de Críticos realizado dentro do Festival de Cinema, Vídeo e DCine de Curitiba, entre 9 e 13 de maio.
Título: "A crítica cinematográfica na imprensa e a crítica universitária".

XX. COMENTÁRIO DE UM PERCURSO: 1990-2002

Introdução

Por ocasião do Concurso de Livre-Docência, em novembro de 1989, o texto-comentário do Memorial ressaltava, em seu final, a existência, em meu trabalho, de duas linhas básicas de pesquisa voltadas para o problema da representação e do espetáculo:

- (1) uma que trazia como categoria central a “alegoria”, movendo-se no terreno da retórica das imagens e dos processos narrativos lacunares da modernidade, projetando o problema da análise dos textos (filmes) para o plano da linguagem figurativa cuja interpretação exige a mobilização de um contexto (um sistema conceitual, uma conjuntura histórica), e deixa claro que a análise estrutural deve ser acompanhada do cotejo com uma referência externa para que a produção de sentido possa ser compreendida; tal caminho já havia sido explorado em meus trabalhos anteriores dedicados ao cinema brasileiro dos anos 60-70, por mim analisado nesta conexão entre texto e história, estética e política, tudo tendo começado com a análise e interpretação dos filmes de Glauber Rocha, conhecido pelo pendor alegorizante e pela mobilização de referências míticas na sua reflexão sobre determinadas conjunturas históricas. Novo estágio de discussão havia sido alcançado no meu estudo sobre o tropicalismo que, desde os anos 60, era já objeto de uma polêmica em torno da natureza específica da sua alegoria do Brasil.

- (2) outra que trazia como categorias centrais o “drama moderno” e o “melodrama”, movendo-se no terreno da teoria dos gêneros dramáticos e sua história desde o século XVIII, momento em que Diderot formulou a sua noção do drama sério burguês que, num processo que não cabe aqui resumir, encontrou uma expressão derivada no melodrama popular francês que se tornou, a partir de 1800, o gênero mais importante da cultura urbana popular (e de mercado), seja no século XIX, quando era experiência paralela ao império do folhetim nos jornais, seja no século XX, quando o melodrama se tornou o carro

chefe da indústria do cinema e, depois, da ficção televisiva; no meu caso, a teoria dos gêneros havia sido um instrumento utilizado na análise do cinema clássico, especialmente em dois de seus momentos, o da formação, com D.W.Griffith, e o do apogeu, com os melodramas de Douglas Sirk e Minelli. E esta mesma teoria começava, em 1989, a marcar meu estudo dos filmes que adaptaram peças de Nelson Rodrigues cuja interpretação se enriquece quando as focalizamos a partir de uma contextualização que ressalta o problema da mistura de gêneros na dramaturgia brasileira moderna, seja em sua matriz teatral, seja em sua versão cinematográfica.

Havia, como ainda há, o meu reconhecimento de que tais linhas, embora passíveis de uma articulação (porque uma coisa é a estrutura específica de um drama, outra são as suas implicações, no plano figurativo, trazidas pela sua relação com uma conjuntura), marcavam uma dualidade a ser equacionada e resolvida.

A resolução foi procurada, em primeiro lugar, pela escolha de terrenos em que as duas linhas poderiam convergir na aproximação a um mesmo objeto, iluminando aspectos complementares ou mesmo de implicação mútua na análise de filmes ou peças. Tal escolha se mostrou produtiva quando retornei ao estudo do cinema americano clássico e seus herdeiros (uma tradição quase sempre alegórica, no sentido tradicional, e nacionalista) e quando fiz minha primeira aproximação ao cinema brasileiro dos anos 90, tal como expressa em textos publicados nos últimos três anos (ver adiante). Em segundo lugar, pela adoção sistemática do que, em meu trabalho, favorece a convergência de tais categorias, uma vez que, por princípio, antes mesmo de qualquer particularização do material a ser analisado, tanto a alegoria quanto as formas dramáticas são observadas em conexão com a conjuntura histórica em que são produzidas, o que, diante de materiais inseridos no contexto da modernidade, significa lidar com instâncias de uma crise que atinge os referenciais herdados da tradição, seja no plano retórico, seja no plano da forma dramática. Quanto a esta última, Peter Szondi já nos mostrou como se dá a mistura e a crise dos gêneros tradicionais, e como são encaminhadas as alternativas mais variadas de solução do problema do drama no período 1880-1950. Quanto à alegoria, esta se instala na crise que envolve referências míticas antes estáveis e que permitiam a leitura dos textos a partir de certos códigos figurativos que tornavam o jogo hermenêutico algo mais fechado; isto, em termos da situação atual, nos coloca diante do problema de encontrar as

referências capazes de iluminar textos fragmentários, obras que parecem (ou são) truncadas, radicalmente enigmáticas, sem a organicidade anterior.

Tais desafios têm levado a crítica a percorrer caminhos de interpretação variados, e minha resposta tem sido combinar, quando é o caso, um esforço de caracterização da forma dramática, a mais precisa possível, com uma discussão de suas implicações inspirada na forma como Walter Benjamin pensa a questão da história como catástrofe, descontinuidade maquiada pela voz dos vencedores, e na forma como ele trabalha a relação entre texto e história, trazendo ao centro a questão da alegoria. Isto não significa que meu uso desta noção se restrinja à formulação de Benjamin, pois na história da própria figura nem tudo é alegoria barroca ou moderna, e a conjuntura atual, como observa Fredric Jameson, nos traz novos desafios para os “mapeamentos cognitivos” que a vivência no espaço urbano, não apreensível em uma Gestalt totalizante, exige de todos nós. Para resumir, minha perspectiva diante da alegoria está sintetizada em meu artigo “Historical Allegories”, para o livro *A Companion to Film Theory* (1999), organizado por Robert Stam e Toby Miller.

Nem sempre tem sido o caso de buscar a convergência de meus referenciais, e cada uma dessas linhas de trabalho tem gerado textos de análise e interpretação que se compõem com autonomia, tal como em artigos como “Melodrama, ou a sedução da moral negociada” (1998), do lado dos gêneros dramáticos, ou em análises como “A personagem feminina como alegoria nacional no cinema latino-americano” (1997), do lado da alegoria.

Em resumo, seja em lida com a questão da forma dramática, ou com o problema da alegoria, meu trabalho sempre procura aliar a análise estrutural com um movimento interpretativo que tem como referência determinadas configurações (ou conjunturas bem demarcadas) da história. E é dentro deste marco que procuro encaminhar minhas pesquisas, tal como aconteceu ao longo dos anos 90. Do ponto de vista conceitual, estas têm sido as linhas centrais de um programa que, em sua vertente dominante, tem se concentrado na análise do cinema brasileiro moderno e contemporâneo, como condução de uma filosofia de trabalho em que se privilegia a atenção aos dados mais imediatos do processo cultural com o qual o pesquisador está em permanente interação, por força de sua inserção social que tem um tempo e um lugar, não por qualquer premissa nacionalista empenhada em “essencializar” o dado local em detrimento de outros influxos. Se tal movimento implica em tocar necessariamente em questões de identidade (nacional,

regional), isto não resulta de uma postura a priori afirmativa de tal ou qual tradição, mas de uma constatação de que o contexto que nos cerca e nos forma é o primeiro problema a enfrentar. É imperativo esclarecer tal contexto para que possamos caracterizar o lugar de onde o pesquisador “fala”. Como um corolário de tal posição, meu trabalho não descarta, longe disto, as incursões teóricas de tipo universalistas em que posso encontrar categorias e descrições dos campos da imagem e da narrativa extremamente úteis para a minha análise, seja do cinema norte-americano, seja do cinema brasileiro moderno. Este é o caso de textos que procuram colocar questões teóricas e mostrar sua relevância na análise de filmes chave (ou de tendências chave) na história do cinema, como “Cinema e teatro: a noção clássica de representação e a teoria do espetáculo, de Griffith a Hitchcock”, in *O cinema no século* (Imago, 1996); e “O olhar e a voz: a narração multifocal do cinema e as cifras da história em *São Bernardo*”, in *Literatura e Sociedade* n.2, 1997.

No meu relato, haverá lugar para uma discussão do percurso traçado na pesquisa e nas publicações, em conexão com o que posso chamar de vicissitudes institucionais, essas com que nos atritamos com maior vigor quando assumimos responsabilidades em instâncias que gerenciam a formulação (ou a impossibilidade de formulação) de uma política de pesquisa e de divulgação do conhecimento, dimensões de meu empenho acadêmico com as quais tenho tido relações bastante tensas.

1. A questão da alegoria.

Na condução da pesquisa, o início da década de 90 ficou marcado por empenhos paralelos, segundo a dualidade de caminhos exposta acima: revisão geral do que eu já havia feito em torno da alegoria no cinema brasileiro e início das análises das peças de Nelson Rodrigues e das respectivas adaptações. Na vertente da alegoria, era necessário reunir a tese de doutorado defendida em Nova York (NYU), em 1982, e a tese de Livre-Docência, tudo posto em nova moldura que permitisse uma síntese das questões que me haviam ocupado em minha relação com os anos 60. O livro *Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal* ficou pronto no final de 1991, mas só foi publicado no início de 1993. Duas análises de filme foram deixadas fora do livro - a de *Os herdeiros*, de Carlos Diegues, a de *Os deuses e os mortos*, de Ruy

Guerra - e só retomadas mais tarde no contexto de uma pesquisa que, tendo como eixo o problema da representação da decadência de famílias na literatura e no cinema brasileiros, permitia unir a vertente dos estudos da alegoria com a voltada para os estudos do “drama de família” (vertente de que Nelson Rodrigues é parte). Novo texto (nunca publicado) sobre o filme de Diegues foi incluído num relatório de pesquisa para o CNPq e novo texto sobre o filme de Ruy Guerra, “*Os deuses e os mortos: maldição dos deuses ou maldição da história*”, foi publicado em revista da Universidade Federal de Santa Catarina, *Ilha do desterro*, no n.32, 1997, especial sobre cinema, literatura e história, numa indicação de como efetivamente os caminhos aí se cruzam: a alegoria, o drama de família, a decadência, a referência literária (*Terras do sem fim*, de Jorge Amado), o contraponto ao alegorismo de Glauber Rocha, o embaralhamento das tendências estéticas (o Cinema Novo e o Marginal).

De modo geral, em cada etapa do meu trabalho pude explorar a própria diversidade com que o cinema brasileiro moderno havia caminhado em sua incorporação franca da alegoria, notadamente depois do período tropicalista. Meu estilo de análise se abriu para outros filmes importantes, sempre com atenção à possibilidade de conectar o procedimento alegórico com outras questões também recorrentes na produção brasileira. O ano de 1974, marco de um novo impulso da produção, momento de dissolução daquela polarização anterior entre Cinema Novo e Cinema Marginal, trouxe três filmes representativos de três posturas diante da nova conjuntura social: *Iracema* (74), de Jorge Bodansky e Orlando Senna, *O amuleto de Ogum*, de Nelson Pereira dos Santos, e *Triste Trópico*, de Arthur Omar. Tratei de focalizá-los a partir das questões que me ocupam e compus o painel que confrontou o documentário político inovador (*Iracema*), o projeto de um cinema popular em que a alegoria política tem cunho pedagógico e inverte o jogo face ao posicionamento dos cineastas frente à religião popular (*Amuleto*) e o filme experimental que, sendo o exemplo mais radical de opacidade e desconcerto no cinema brasileiro até então, não deixava de dar continuidade à tendência de representação alegórica da formação nacional e, portanto, se inseria com toda força em meu trajeto (*Triste Trópico*). Sobre o filme de Nelson Pereira, falei muito em aulas (notadamente nas experiências no exterior, New York, Iowa e Paris) mas não publiquei nada (enfim, mais um material que faz parte dos “inéditos” com que me defronto hoje). Sobre *Iracema*, publiquei um artigo em coletânea organizada, nos Estados Unidos, por Julianne Burton,

artigo que me deu a oportunidade de fazer as conexões sempre procuradas, pois trata do problema da forma alegórica de modo articulado às questões que sempre marcaram a tradição documentário no Brasil, em seu percurso antes de e durante o regime militar (ver: “*Iracema: Transcending Cinéma Vérité*”, in *The Social Documentary in Latin America*, Pittsburgh, 1990). Sobre *Triste Trópico*, publiquei um artigo mais tarde, procurando articular essa síntese entre a forma experimental apoiada na montagem e na citação, a alegoria e um diagnóstico da formação nacional apresentado pelo cineasta (ver: “Viagem pela heterodoxia”, in *Significação*, 2000). Uma síntese destas questões ligadas à representação da migração, notadamente as que incorporam o imaginário do descobrimento do Brasil, está no artigo “Eldorado como inferno: Cinema Novo, Pós-Cinema Novo e as apropriações do imaginário do descobrimento”, publicado na revista *Sexta-feira* n.3, outubro de 1998.

Ainda na lida com o cinema brasileiro, a questão da alegoria teve seu peso no meu ensaio sobre o percurso de Arnaldo Jabor quando analisei a relação entre o cineasta e o cronista, ocasião em que os temas rodrigueanos e a questão da forma dramática também puderam ser trabalhados, em novo exemplo da convergência procurada (ver “Vícios Privados. Catástrofes públicas: a psicologia social de Arnaldo Jabor, in *Novos Estudos*, CEBRAP, n.39, 1994). E também teve seu peso quando a minha análise do destino encontrado pelo impulso totalizante próprio aos cinemanovistas me levou a comparar os caminhos de Jabor, Glauber e Cacá Diegues no final da década de 70, em artigo cujo objetivo era efetivamente oferecer minha visão da última obra de Glauber - *A idade da terra* (1980) - a partir de tudo o que havia configurado o percurso dele e, curiosamente, o meu próprio na lida com as questões que articulavam o diagnóstico geral da nação, os temas da decadência familiar e um projeto de natureza experimental apoiado, de novo, na montagem e na alegorização franca (ver: “*A idade da terra* e sua visão mítica da decadência”, in *Cinemas* n.13, set-out.1998).

O artigo sobre a figura feminina como personificação da experiência nacional, acima citado, trazia para o âmbito do continente latino-americano uma das dimensões de um estudo que iniciei em 1995 em torno da alegoria nacional em diferentes países, desdobramento do trabalho feito em torno do cinema brasileiro. A premissa que sustenta minhas escolhas temáticas é a de que a história do cinema no século XX evidencia um movimento de interação constante e reveladora entre a representação cinematográfica e as

oscilações sofridas pelo conceito de nação nos diversos tempos e lugares em que ele encontrou maior relevância no jogo político (e militar), tais como o período entre as duas guerras mundiais, momento em que o nacionalismo foi decisivo na história da Europa, e o período dos anos 50 e 60, em que ele foi decisivo na história da América Latina e da descolonização na Ásia e na África, quando noções como liberação nacional e, em termos culturais, a idéia do nacional-popular tiveram grande papel na reflexão sobre a história. Neste estudo mais geral, meu trabalho sobre as alegorias nacionais se desenvolveu em duas etapas, gerando material que deverá gerar um livro.

Na primeira etapa, procurei traçar uma diferença entre três contextos em que a questão aparece com força: o dos Estados Unidos, com a sua constante revigoração dos mitos de formação nacional e de vocação imperial que marcam a representação da história em seu filmes de gênero (*western*, filme de guerra, espetáculo histórico); o da América Latina, com a experiência dos projetos (ou mitos) de uma cultura nacional-popular ligada a um movimento de emancipação nacional nos anos 50-60; o da Europa, em que o cinema posterior à guerra gerou, mais do que tudo, um cinema de autor irônico em sua lida com os mitos nacionais, ou surpreendentemente melancólicos na sua constatação da minimização de molduras míticas em sociedades avançadas (entre 1950 e 1980), na fase em que a social democracia e o *welfare state* definiam um terreno laico de humanismo universalista (mais frágil aos olhos de hoje do que parecia na época) que não oferecia muito lugar para os esquemas míticos ainda muito fortes nos Estados Unidos, por exemplo. Material inédito, que foi elaborado em função de meus cursos sobre a alegoria no exterior, envolve a análise de

Non ou a vã glória de mandar, de Manoel de Oliveira, de *Terra e Liberdade*, de Ken Loach e de *O casamento de Maria Braun*, de Fassbinder. Considerando o texto em torno do filme *Forrest Gump*, “Parábolas cristãs no século da imagem” (Imagens n.5 , 1995) e o artigo sobre a mulher na América Latina, e incorporando estudos meus sobre o cinema brasileiro, posso dizer que se completa, em primeira fase, a triangulação desejada.

Na segunda etapa, dei maior ênfase às relações entre técnica e estética tal como se deram ao longo do século XX, acentuados os privilégios dados ao cinema como índice de desenvolvimento nacional e marco simbólico na competição entre os países. Aqui, ganhou papel decisivo a categoria do Monumento (imagem desejável, discurso para a posteridade), em sua oposição a Documento, tal como a formulou o historiador Jacques Le Goff. Meu

estudo sobre a alegoria se concentrou no filme de grande espetáculo (alta tecnologia, grande investimento) e em sua função dentro da política nacional no momento de sua produção. Tive como inspiração um texto de Walter Benjamin que destacou o papel das Feiras Internacionais no século XIX na celebração da idéia (universal) de progresso, articulada a uma efetiva prática de competição nacionalista que intensificava a concorrência, a rivalidade e, por fim, a hostilidade entre os países num período histórico marcado justamente por conflitos que terminaram por engendrar as duas Grandes Guerras. O cinema, a partir de 1910, tomou o lugar das feiras e serviu de Monumento para exibicionismos nacionais num mercado altamente agressivo na competição pela hegemonia no terreno da nova técnica e do novo tipo de espetáculo tão afinado à propaganda política.

É notória a rivalidade expressa na constelação dos grandes espetáculos que procuraram sintetizar a competência e o progresso nacionais testemunhados e simbolizados pelo “grande filme” no período do cinema mudo, seja o italiano *Cabiria* (1914), o norte-americano *Intolerância* (1916), o soviético *Outubro* (1927), o francês *Napoleão* (1927), o alemão *Metropolis* (1927). Nos anos 30, veremos outras versões do mesmo impulso de monumentalização em filmes históricos que se estruturaram como alegorias aptas a sugerir uma vocação especial do país de origem a desempenhar um papel privilegiado na história da humanidade (lembramos Leni Riefensthal). Além da síntese teórica sobre a alegoria histórica (ver: *A Companion to Film Theory*, já citado), minha pesquisa neste terreno se traduziu, por enquanto, no ensaio sobre Fritz Lang, “L’allégorie langienne et le monumental: la figure de Babel dans *Metropolis*”, que fará parte do livro sobre o cineasta organizado por Philippe Dubois, na França, e se traduziu no ensaio “De monumentos e alegorias políticas: a Babilônia de Griffith e a dos Taviani”, publicado na revista *Estudos de Cinema* n.2, EDUC, PUC-SP.

Nesta mesma linha, uma síntese preliminar consta das notas que servirão de base para o meu seminário com os responsáveis pela revista *Sexta-feira*, no final de junho, como parte da preparação de um número especial da revista sobre a questão “cinema e guerra”, inspirado pela conjuntura atual em que as imagens têm desempenhado um papel central nos conflitos internacionais. Tenho, a partir deste material e outros textos ainda a escrever, um livro planejado reunirá essa constelação, discutindo o problema do nacionalismo e de seus “monumentos” cinematográficos, não por acaso, pautados por um

impulso alegórico de totalização da experiência a partir dos mitos nacionais num processo simbólico de sacralização não distante daquele que marcou a retórica das afirmações religiosas ao longo da história. O intuito é que tal livro desempenhe, em escala mais ampla e incluindo uma arriscada, no entanto promissora, generalização cujo horizonte é uma teoria da relação entre cinema e história no século XX.

Em ponto menor, tal generalização já se fez presente em alguns dos textos referidos acima, o sobre *Forrest Gump*, que trouxe um diagnóstico amplo que unia os dois extremos: o filme de 1995 (ano do centenário do cinema) e o cinema de Griffith, símbolo da formação do cinema norte-americano clássico. O objetivo era marcar a presença da alegoria de tipo religioso em pleno século supostamente laico, e o papel de tal alegoria nos mitos de formação e de identidade nacional sempre presentes na produção hollywoodiana. Era uma forma de atar as pontas e simbolizar uma constante que passa por John Ford, Hitchcock, Hawks (e chega a David Lynch). Neste caso, a análise da alegoria se combinou com uma observação dos filmes apta a ressaltar o papel central do melodrama na tradição hollywoodiana, sugerida aí também a “afinidade” de tais esquemas de representação, como dois aspectos deste universo da representação marcados pelo contexto de problematização dos mitos, onde alegoria e melodrama se põem como formas de recuperação das referências perdidas, num projeto que enfrenta todos os limites próprios às tentativas de totalização na condição moderna. No cinema, prática simbólica dividida entre os imperativos pedagógicos da cultura de massa e os vãos estéticos maiores do alto modernismo, a alegoria é o terreno privilegiado de uma dialética de totalização e fragmentação. Por sua vez, o melodrama é o terreno por excelência dos impulsos de recodificação de um sistema moral que só pode, no entanto, “falar” a partir da linguagem da natureza (gesto, corpo, olhar, emoções “autênticas”, naturais); sua pedagogia o obriga a uma “linguagem direta” de expressionismo transparente (ao contrário do expressionismo propriamente dito): dizer tudo, tornar tudo visível, vencer as sombras. Ou seja, colocar a representação no ponto exato em que está instalado o desejo, ou a tentação (a esfera do corpo, do gesto mudo), marcando uma primazia do sensível que deve, em contrapartida, se alegorizar (moralizar), num jogo que faz do melodrama a expressão contraditória da afirmação plena e, ao mesmo tempo, da sujeição do desejo a uma ordem moral transcendente.

Começo aqui a deslocar o eixo da reflexão, e devo agora descrever a outra vertente do meu trabalho, a que privilegia os gêneros dramáticos. Passemos à outra linha de pesquisa e seu percurso na década de 90.

2. a teoria dos gêneros dramáticos

Nesta linha, tudo começou com minha pesquisa de pós-doutorado na New York University, em 1986. O estudo da passagem do teatro popular para o cinema no início do século XX, bem como a análise do papel central do melodrama na constituição da própria linguagem do filme narrativo, exigiram uma incursão mais detida na questão dos gêneros na experiência moderna. Os principais teóricos do melodrama insistem na emergência do gênero com a modernidade, notadamente com a cultura saída da revolução industrial e da urbanização, sendo importante aí a experiência política (e dramática) da Revolução Francesa. Os pontos de concentração do gênero no século XIX foram o teatro de Boulevard e a indústria do folhetim; a partir de 1908, o cinema herda tudo isto. No meu estudo sobre Griffith, feito em 1986, me familiarizei com tal panorama histórico-teórico e voltei ao Brasil disposto a utilizá-lo em pesquisas sobre a mídia local, incluída a televisão. Logo ficou claro que a observação dos programas de TV gerava uma absorção incompatível com os outros aspectos de meu trabalho, apontando para uma necessidade, pelo menos a curto prazo, de escolha. Optei pela continuidade da pesquisa voltada para o cinema, deixando as observações sobre a TV para lances episódicos, como aconteceu com a minha participação na Latin American Popular Culture Conference, em Outubro de 1996, realizada em New Orleans (Tulane University), quando apresentei a comunicação sobre as mini-séries de Gilberto Braga: "From the Religious Moral Sense to the post-Freudian Common Sense: Tele-Fiction in Brazil".

Referências à telenovela são frequentes em meus artigos sobre o assunto mas esta não se tornou propriamente um objeto de análise. Dentro deste eixo, havia uma tarefa mais urgente a cumprir: o estudo de Nelson Rodrigues e das adaptações cinematográficas de seus textos, ocorridas a partir de 1952, com uma variedade de estilos e propostas que acompanham o próprio percurso do cinema brasileiro nos últimos 50 anos, dada a quantidade de filmes que partem do dramaturgo - 21 - e a presença de seu teatro como

referência indireta em muitos outros casos. Em verdade, o trabalho em torno das relações entre o cinema e o dramaturgo, afora um primeiro período em que foi mais concentrado (entre 1990 e 1992), acabou se intercalando com outras dimensões de meu trabalho, e o sentimento de que teria chegado o momento da publicação de um livro tem sido adiado por diferentes razões, embora eu já tenha publicado cinco ensaios e uma resenha sobre o assunto (além do relatório de pesquisa enviado ao CNPq), ao lado de outros textos meus em que esta pesquisa sobre Nelson Rodrigues deixa a sua marca. Como indicam os textos que escrevi entre 1993 e 2001 na revista *Novos Estudos - CEBRAP* (ver a listagem neste memorial), fiz um mapeamento da questão geral e do percurso das adaptações de 1952 a 2000, com uma nítida hierarquização. Nesta, aponto os filmes realizados pelos cineastas ligados ao Cinema Novo como os mais densos e de maior significação cultural, o que me levou a uma decisão de privilegiar estes casos nos ensaios: dois sobre Jabor, um sobre Leon Hirszman e um sobre Nelson Pereira dos Santos. O único ensaio de cunho mais geral - “Nelson Rodrigues no cinema (1952-1998)”, in *Cinemais* n. 19, set-out. 1999 - comenta o conjunto dos filmes e expõe minha visão de cada uma das fases do diálogo, adiantando também as questões teóricas envolvidas neste tipo de trabalho, seja em relação ao problema do “gênero dramático”, seja em relação a problemas gerais da cultura brasileira ligados ao modo de inserção da obra do dramaturgo nos anos 40, 50 e 60, e o modo de inserção dos filmes a partir dos anos 60.

Quanto à questão do gênero, esta envolve, de um lado, a análise das diferentes peças de Nelson Rodrigues e, de outro, a análise da escolha feita pelos cineastas ao encaminhar a sua leitura dos textos, tarefas que exigem, na verdade, toda uma retaguarda de conhecimento sobre a evolução dos gêneros e como as principais formulações teóricas os trataram. Para me orientar, defini uma perspectiva de análise voltada para as relações entre a forma dramática e a história, seguindo Peter Szondi, Anatol Rosenfeld, Raymond Williams, Peter Brooks, René Girard e Eric Bentley. Privilegiei deste modo, um tipo de discussão da estrutura das peças e romances adaptados (bem como dos filmes daí derivados) que fosse capaz de esclarecer a significação social e política de uma forma dramática escolhida como “justa” na elaboração de um diagnóstico social. A forma é já um modo de interpretar a experiência individual e social posta em cena, e responde a uma certa conjuntura que cerca o dramaturgo (ou o cineasta), evidenciando, neste cotejo, o que está implicado no gesto de escrever ou adaptar um texto.

Há muita experiência e muitas anotações acumuladas neste trabalho de anos, que incluiu uma observação que se estendeu a filmes que dialogam com outros escritores cujo universo temático também envolve processos de decadência e agudas crises de família (como Lúcio Cardoso, Cornélio Penna, Raduan Nassar e o dramaturgo da Vera Cruz, Abílio Pereira de Almeida), de modo a se configurar um quadro ao mesmo tempo abrangente (portanto, sedutor em suas promessas) e complexo (portanto, gerador de adiamentos no “fechamento” do livro). O ponto essencial vem de que a minha montagem de um esquema interpretativo não pode se reduzir à experiência cinematográfica, devendo propor uma leitura do próprio Nelson Rodrigues em seu trabalho de dramaturgo e romancista, dentro de um cotejo que envolve os outros escritores e um contexto mais geral que diz respeito à ficção brasileira da metade do século XX para cá, naquela vertente que lidou com este núcleo temático tão recorrente no cinema (com derivações na televisão), com toda a significação cultural e social que tal experiência literária, teatral e cinematográfica tem tido. Enfim, trata-se de um desafio de longo alcance que, embora em parte equacionado na resposta que quero oferecer, exige maiores estudos e sempre revela um aspecto a mais na composição do quadro, gerando os adiamentos já incômodos. No momento, tenho dúvidas quanto à melhor estratégia a adotar. Ora me parece aconselhável a divisão em partes, com o lançamento imediato de um livro (praticamente pronto) sobre Nelson Rodrigues e o Cinema Novo; ora me parece melhor compor todo o quadro, com o preço da demora, e só depois sintetizar minha visão num único livro.

Esta lida com a questão Nelson Rodrigues, por outro lado, está cercada de trabalhos que, dentro deste núcleo formado por noções como tragédia, drama moderno e melodrama, se concentraram na análise de outras experiências cinematográficas, brasileiras ou estrangeiras, onde sempre procurei ganhar maior experiência na lida com a relação entre forma e história, seja na análise do que acontece com a forma dramática dentro da indústria de maior alcance social e político (a de Hollywood, notadamente nos casos de Griffith, Ford, Sirk e Hitchcock), seja na análise de autores cujos projetos passaram por uma releitura do melodrama dentro da tradição ibero-americana, como Luís Buñuel, Umberto Solas, Gutierrez Alea, Hector Babenco, Arnaldo Jabor, Luiz Puenzo. Ao lado destes, por razões específicas ligadas à história do cinema moderno, os casos de Rossellini, de Sica e Visconti têm sido objeto de análises até aqui somente expostas em cursos, tal como aconteceu com a importantíssima conexão oferecida por Fassbinder, dada

a posição chave - decisiva mesmo - deste cineasta na releitura do melodrama empreendida pelos críticos a partir da década de 70, outra face da história do cinema moderno em sua relação com os gêneros tradicionais no exato momento em que se dá o ocaso do projeto modernista na esfera do cinema de autor.

A apresentação concisa de meu diagnóstico do problema do melodrama em sua acepção mais geral é feita no meu artigo: “Melodrama, ou a sedução da moral negociada”, já citado, texto onde fica sugerida uma relação íntima entre o melodrama e a supremacia da imagem nos meios de comunicação, idéia que devo explorar de forma mais sistemática quando as tarefas não concluídas deixarem. O horizonte desta lida com o gênero dramático popular é usar os instrumentos aí obtidos na abordagem de problemas típicos da cultura dos meios que, a meu ver, não têm sido focalizados de maneira apropriada porque a teoria da comunicação desconhece as noções centrais que permitiriam complementar o que os estudos de sociologia da cultura podem dizer em suas macro-análises da mídia. Afinal, tudo o que faço em torno dos filmes tem a ver com estas questões. Há pleno lugar, portanto, para um deslocamento no flanco de ataque capaz de me colocar em condições de contribuir mais decisivamente para o discurso sobre a televisão brasileira que não repita os chavões já desgastados. É o que eu gostaria de fazer num futuro grupo de trabalho sobre a indústria cultural a ser formado, ressalvado o fato de que meu empenho no estudo dos “grandes autores” e minha adesão ao alto modernismo do século XX têm produzido uma atitude reticente, uma recusa do risco de absorção excessiva na análise da produção mediana da cultura industrializada, dadas as óbvias perdas aí presentes no plano do meu próprio desenvolvimento pessoal e no do “prazer do texto”.

Creio que posso encontrar uma formulação mais específica para estas hesitações ao lembrar que, no fundo, o que está em pauta é a dificuldade de aceitar um tipo de aproximação ao campo das representações que tende a minimizar a questão do valor estético de obras particulares e se ocupar mais dos grandes mecanismos da produção dos meios e dos modos de recepção. Este é um terreno que dá maior rendimento às análises ancoradas nas ciências sociais (ou na psicanálise) e está hoje muito marcado pela tendência dos *cultural studies* e sua quase exclusiva atenção às políticas da identidade, seja de classe, de subgrupos da cultura, de gênero, de etnias. Embora partilhe com tais estudos as preocupações de caráter sócio-político, caminho, por outro lado, no terreno da análise que busca sustentar juízos de valor endereçados a obras singulares, preferindo trabalhar

com os momentos em que é possível detectar um efeito de conhecimento produzido por uma forma artística enquanto instância de reflexão, campo de invenção que nos retira dos fluxos imediatos, e não apenas enquanto mais um sintoma - de mesmo estatuto que outros - dos processos em curso. Sem dúvida, há aqui um alinhamento com os modos de valoração estética próprios à tradição modernista - grande obra, autoria, reflexividade, dimensão crítica - cujas tensões com o tempo presente são notórias e devem ser assumidas como um problema sempre repostado, pois não se trata de fazer uma oposição dogmática a certas dissoluções de valores da contemporaneidade, nem de simplesmente a elas aderir cínica ou melancolicamente. Na busca de maiores referências para pensar tais tensões e fazê-las produtivas, meu caminho tem sido o de evitar a lida com o cinema pautada pela idéia da especificidade e da coerência de uma teoria que o focalize como sistema fechado, tão própria a quem cultiva guetos disciplinares. Ao contrário, tenho buscado todas as formas de encorajar o pensamento capaz de conectar os diferentes segmentos da cultura, inserir de forma mais decisiva a questão do cinema nas transformações mais amplas que ocorreram no século XX. Um dos resultados disto foi a série de conferências que organizei para o Museu da Imagem e do Som por ocasião do centenário “oficial” do cinema (1994-95) e que foram reunidas no livro *O cinema no século* (Rio de Janeiro, Imago, 1996). Nesta coletânea, cada texto focaliza a relação da nova arte com determinada dimensão da experiência social (a política, a religião, a sexualidade) ou com outra forma de arte (a música, a pintura, a dança, etc...). A mim coube discutir as relações entre cinema e teatro, claro desdobramento de minhas pesquisas sobre a questão dos gêneros dramáticos e retomada de meu trabalho sobre a história do cinema clássico, no caso, de Griffith a Hitchcock. O crescente interesse pessoal por estas relações pesou muito em minhas decisões sobre filmes a analisar e com que ponto de vista, nestes últimos anos, definindo também o teor de minha proposta quando convidado pela Editora Cosac & Naify para dirigir uma coleção de livros, no ano 2000. Optei por um critério editorial pautado pelo trinômio “cinema, teatro e modernidade” justamente para contemplar as minhas próprias inquietações e afirmar a minha convicção da importância de tal análise articulada dos vários campos como a resposta mais adequada ao que a própria configuração da história do espetáculo (e da sociedade do espetáculo) nos coloca. A articulação entre campo visual e drama é o desafio maior quando queremos pensar o universo das representações e suas transformações no cenário instável da cidade afetada pela industrialização, pela aceleração

das trocas, pela constante inovação tecnológica que rebate diretamente nas formas de entretenimento e de arte.

3. O cinema brasileiro dos anos 90.

Sempre em meu trabalho acadêmico, ao longo de quase 30 anos, a escolha de determinados objetos de estudo significou uma forma de interação com a conjuntura do momento, notadamente a do cinema brasileiro. Desta forma, nos anos 70 e início dos 80, quando estava ainda vigente a experiência do cinema moderno, meu esforço se concentrou na aquisição de instrumentos e na composição de um referencial teórico que permitisse trazer uma contribuição original na análise dos filmes realizados pelo Cinema Novo, pelo Cinema Marginal e por outros cineastas que emergiram nos anos 70. O cumprimento efetivo da tarefa escolhida se estendeu, em seu momento mais adensado, até 1990, sendo que muito ainda fiz e devo fazer para ir completando a minha interpretação do que foi aquela experiência que só perdeu seu caráter hegemônico no Brasil em meados dos anos 80. Os artigos reunidos no livro *O cinema brasileiro moderno* (Paz e Terra, 2001) resumem a minha visão desse cinema.

Em 1984, numa situação em que a análise da produção industrial se tornava algo imperativo, dada a vitória da indústria sobre os cinemas alternativos que os anos 60 e 70 haviam inventado, enveredei, pela primeira vez, para a discussão dos gêneros dramáticos que ganharia maior espaço em meu trabalho nos anos 90, tal como expliquei no item anterior. Escrevi um pequeno livro sobre D.W.Griffith e seu papel no nascimento do cinema clássico e do melodrama hollywoodiano. Depois, no ano de 1986, em Nova York, aprofundi esta análise da relação entre cinema e melodrama no período de formação do cinema clássico (de Porter a Griffith); na volta ao Brasil, alimentei projetos que foram deixados à parte e substituídos pelos estudos descritos acima, que representaram um retorno parcial às questões do cinema de autor. Embora tenha acompanhado de perto, inclusive em função de relações pessoais que incluíam amigos da ECA, nunca trabalhei de forma sistemática o cinema brasileiro da Nova República, no período 1985-1989, tendo feito aí apenas incursões pontuais. Ganhei, em função de minhas críticas reiteradas ao que se chamava então de “cultura pós-moderna” (que, em verdade, não se dirigiram ao cinema

brasileiro), a imagem de alguém que não aderiria às experiências consideradas naquele momento as mais originais, como a do cinema paulista. Minha reação, em verdade, é variada e depende de cada filme, mas faltou efetivamente a produção de um ensaio em que meus referenciais tivessem sido mobilizados para um diagnóstico de conjunto, tal como o fiz para outros períodos e experiências do cinema brasileiro. Viagens ao exterior, absorção na composição do livro sobre as alegorias, a nova pesquisa sobre os gêneros dramáticos, e ausência, sem dúvida, de entusiasmo podem explicar, mas não de todo, o silêncio até 1994, ano em que se definiu a chamada “retomada” da produção de longas metragens, depois da aguda crise radicalizada pelas medidas de extinção das agências de fomento pelo governo Collor logo em seus primeiros dias, em 1990. A partir de 1995, dada a nova conjuntura, procurei evitar que o descompasso se repetisse e passei a buscar a alternância entre os estudos histórico-teóricos mais sistemáticos e os gestos mais ágeis de intervenção no terreno da crítica em periódicos e nos seminários organizados nos Festivais de Brasília, de que participei nos anos recentes por três vezes. Deste modo, cheguei à formulação da pesquisa acadêmica, acoplada à Bolsa de Produtividade do CNPq, que focaliza, desde 1999, o cinema brasileiro contemporâneo, trabalho em que tenho me utilizado dos referenciais teóricos já aplicados anteriormente, dada a própria natureza da produção dos anos 90 e 2000. Ao mesmo tempo, publiquei textos de intervenção que, acredito, contribuíram para uma visão crítica do conjunto desse cinema, tal como se evidencia nas entrevistas dadas à revista *Praga* n. 9 (junho, 2000), e ao caderno MAIS! da *Folha de São Paulo* (dez, 2000). Outros artigos já vêm adicionando novos dados ao meu trabalho em andamento, tais como o capítulo do livro a sair na Inglaterra, organizado por Lúcia Nagib a partir de um Seminário que teve lugar na Universidade de Oxford, em junho de 2000, quando minhas idéias expostas na entrevista com a revista *Praga* foram sintetizadas no texto: “Brazilian Cinema in the 1990’s: the Unexpected Encounter and the Resentful Character”.

Outros desdobramentos deste estudo foram minha comunicação no IV Encontro Anual da Socine, em 2000, publicada no livro *Estudos de cinema-Socine 2000*: “A figura do ressentimento no cinema brasileiro dos anos 90”, e a crítica do filme de Sérgio Bianchi, *Cronicamente inviável*, publicada na *Sinopse-Revista de Cinema* n.8, 2002. Minha análise do novo cinema acentuou o papel central que aí possuem dois motivos, um de caráter estrutural (o motivo do encontro inesperado ou singular) e outro inserido na questão da

análise de personagens (a figura do ressentimento). Este mapeamento, capaz de delinear um perfil para a produção de longas metragens de 1994 para cá, só tem recebido confirmações à medida em que novos filmes são lançados, o que sugere a pertinência do diagnóstico feito, apesar da variedade de estilos presente e ressalvadas as proclamações de diversidade vindas dos próprios cineastas. Estou convencido de que tal aproximação ao contemporâneo só se tornou possível porque as pesquisas teóricas anteriores conseguiram encontrar neste objeto mais um ponto de convergência capaz de atestar a pertinência dos referenciais que criei e das categorias que adotei no trabalho de análise de filmes produzidos em diferentes conjunturas, incluída esta vivida agora pelo cinema brasileiro. A questão do “encontro inesperado”, notável neste cinema, deriva de minha interpretação de um diagnóstico da experiência contemporânea feito inicialmente por Fredric Jameson, quando em passagem de seu livro *Geopolitical Aesthetics*, ele comenta os limites de uma representação realista (nos moldes do século XIX) para dar conta do dinamismo que permeia a vida social e que afeta de modo peculiar, e muitas vezes surpreendente, os indivíduos na atualidade. Oferecendo novo argumento para a minha própria opção de trabalho feita em torno de 1980, ele ressalta a pertinência da alegoria na contemporaneidade, sua forma específica de, na fragmentação e descontinuidade, sugerir novas relações entre parte e todo, indivíduo e sociedade, de modo a alcançar uma imagem mais expressiva e estruturalmente mais ajustada ao teor da experiência num momento tão marcado pela compressão do espaço e do tempo, pela intersecção do que, em princípio, pertence a esferas distintas. Se, de um lado, a moldura da reflexão é a questão da alegoria, de outro, o que vale aí é sua relação, na modernidade, com o senso de perda da iniciativa e da autonomia do sujeito. Tal desestabilização pode, em condições especialmente adversas, como é o caso das personagens do cinema em questão, gerar comportamentos agressivos e pouco efetivos, formas de ruminação ou execução canhestra de planos de vingança destinados a compensar perdas e dores de que o mundo (ou alguém) é considerado culpado. Em suma, pode fazer da personagem uma figura do ressentimento. O que, nos termos do meu próprio trajeto, é um ponto de chegada, digamos natural, para quem tem lidado com a questão das personagens típicas ao melodrama e sua distinção face ao herói da tragédia clássica, ou com a natureza própria dos processos de vitimização presentes nas formas dramáticas modernas, mais do que tudo nos gêneros da cultura de massa

(telenovela, por exemplo), mas incluído aí também o realismo em sua exploração da impotência do protagonista e seus impasses.

Procuo potencializar, neste momento, a oportunidade que o próprio cinema me ofereceu de convergir minhas principais referências na análise de uma problemática que tem sua feição própria e se faz marcante na situação contemporânea. Muito do que a produção ficcional hoje focaliza em seus dramas deriva da natureza peculiar das tensões entre os valores hegemônicos na sociedade e os aspectos frustrantes da efetiva experiência da maioria, terreno fértil para a potencialização de conflitos que podem ser analisados a partir das categorias que incorporei ao montar um instrumental que pode ser de longo alcance, ressalvada a alternativa de que pode haver algo de casual nesta convergência hoje evidente.

4. Mobilizações paralelas, o que soma às vezes subtrai.

Além da atividade de pesquisa propriamente dita, segundo os dois eixos acima discutidos, houve uma mobilização pessoal em terrenos que, ora têm ligação direta com a questão institucional, acadêmica, seja no intercâmbio com o exterior, seja na administração e na definição de políticas de pesquisa, ora têm diretamente a ver com o conteúdo da minha reflexão em seu momento de empenhos extra-universidade. No polo institucional, as referências maiores são a experiência como membro das comissões da Universidade que se ocupam de avaliações do ensino e da pesquisa - como a CERT (Comissão Especial de Regimes de Trabalho) e a CPA (Comissão Permanente de Avaliação) - e minha longa participação na CHS (Coordenadoria da Área de Humanas) da FAPESP (de 1990 a 1998). Na questão do intercâmbio com o exterior, a década de 90 foi pontuada por três ocasiões de atividade docente como Professor Visitante, por um semestre: na Universidade de Nova York (NYU), na Universidade de Iowa e na Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle). No polo das atividades extra acadêmicas, os destaques são minhas intervenções mais freqüentes no debate sobre o cinema atual na mídia e nos festivais nacionais, e meu novo empenho editorial ao coordenar uma coleção de livros na Editora Cosac & Naify, ao lado de atividades esporádicas como as duas

consultorias prestadas aos curadores das Mostras Retrospectivas de cinema brasileiro nos Estados Unidos (Guggenheim Museum e Museum of Modern Art, ambos de Nova York).

Essas atividades tiveram efeitos distintos sobre o andamento de minha pesquisa e produção escrita. Em certos casos, competiram francamente com a elas em termos de tempo e de “fraca conexão”, como no caso do empenho nas comissões acadêmicas e na própria FAPESP. Em outros, encontraram uma relação mais amena, pois coordenadoria editorial, curadoria e militância crítica alimentam a pesquisa e são formas mais diretas de produção do que as atividades de gerenciamento e de avaliação, por mais que estas sejam necessárias e nos ensinam muito sobre o estado de coisas dentro da academia e sobre a configuração atual das pesquisas em diferentes campos do conhecimento.

Do ponto de vista do meu percurso como docente, a lida com a avaliação teve, mais do que tudo, a dimensão de prestação de serviço, com uma dose reduzida de intervenção na política das comissões, com ação sempre mais eficiente na esfera dos “casos individuais”, notadamente quando foi conseguida, por nós representantes da área de humanas, uma autonomia maior na afirmação da nossa especificidade. Dado positivo, porém pontual, que não alterou uma política geral em que os gerenciadores de todo Brasil alcançaram um consenso hoje adotado pelas agências federais e pelas regras internas da própria USP, consenso que tenho constatado ser prejudicial à área de humanas, dada a hipertrofia dos aspectos formais e estatísticos, em detrimento de uma consideração mais detida dos conteúdos. Após os anos de CERT, ficou o senso dos problemas irresolúveis, a consciência da necessidade de uma avaliação e das dificuldades em fazê-la, o desânimo que traz o fato de ter testemunhado mal entendidos que levaram boa parte da área de humanas, ou a recusar, às vezes de forma complacente, qualquer avaliação, ou a dar exclusividade à oposição exatas/humanas como o problema maior, quando o quadro é mais complexo e envolve, mais decisivamente, a divisão entre as unidades voltadas para ciência, filosofia e artes, e as escolas profissionalizantes (que não aceitam o perfil proposto pelos que fazem pesquisa básica). Sou particularmente sensível a esta oposição porque a ECA apresenta talvez o perfil mais profissionalizante de toda a área de humanas, e nela se vive de forma exemplar os problemas trazidos pela ansiedade de conexão com o mercado que predomina no corpo docente, ansiedade (ou interesse mesmo) que gera uma concepção redutora do papel da reflexão no processo de formação do aluno e no próprio estilo de trabalho do corpo docente, levando à costumeira confusão entre prestação de serviços e

efetiva atividade de investigação intelectual. Tudo se agrava quando a pressão externa por resultados numéricos imediatos se alia à escassez de recursos para consolidar os critérios formais, os prazos mínimos e a redução do corpo docente, forçando os necessários e desajeitados ajustes na nossa concepção do que seja uma pesquisa, seja a do aluno de pós-graduação, seja a nossa, quando o problema é satisfazer uma agência de financiamento.

Tal senso de impasse se torna mais dramático quando considero a experiência que tive na FAPESP nos anos recentes. As condições de trabalho endureceram com o salto espetacular havido na demanda por auxílio ao longo dos anos 90. Em princípio positivo, tal aumento, na prática, cria uma situação insustentável quando se soma a uma retração das agências federais, o que gerou a adoção, por parte da FAPESP, de uma política de aperto nos prazos semelhante às de CNPq e CAPES, o que acabou por completar o círculo da “produção em série”. Este poderá ter, a longo prazo, seus efeitos, apesar da enorme capacidade da agência estadual em manter o seu padrão de excelência e sua relação adensada com a comunidade dos pesquisadores, ancorada que está numa forte tradição científica, e alimentada que está por uma vontade política de resistência à canalização do auxílio FAPESP para setores extra-acadêmicos, posição que tem sabido preservar com muita habilidade em meio às pressões do tempo.

O mais digno de nota aqui é o fato de que este quadro de complicação institucional me surpreendeu quando de seus efeitos de médio prazo sobre meu próprio trabalho de reflexão, embora eu tenha tido todos os “avisos” de quem o viveu por dentro ao assumir as variadas funções que me foram atribuídas no período, além da intensa atividade de orientação de alunos, onde tudo isto se reflete. Talvez eu tenha me iludido com a idéia de que a inscrição formal do meu trabalho em tais molduras (como a das bolsas do CNPq, por exemplo), uma vez feita com a competência técnica de quem conhece as regras do jogo, criasse salvaguardas aptas a garantir uma minimização do efeito disto tudo no conteúdo das pesquisas. Tal não se deu. Embora eu nunca tenha deixado de pensar os meus projetos num esquema de longo prazo e com horizontes os mais amplos possíveis, a minha produção efetiva dos últimos 10 anos se contaminou da tendência à divisão do trabalho em pilulas - os artigos que devem ter certa regularidade - que terminam por criar uma desproporção entre o volume produzido e a sua articulação-coesão, fazendo com que seja sempre adiado o momento de chegar à estruturação final de um ponto de vista que, embora dependa da acumulação conseguida, não resulta dela de forma automática. Não

surpreende que eu tenha tido dificuldade em “fechar” pesquisas e livros para além do que foi consequência de uma etapa anterior de trabalho (anos 80).

Como explicação para isto, posso lembrar a variedade de tarefas cumpridas e o fato de, em parte, a situação de meu trabalho resultar de um imperativo de engajamento institucional (comissões, FAPESP, pós-graduação), ou de uma multiplicação de esforços feita em nome da importância de uma atividade de divulgação mais imediata e eficiente (curadorias, coordenação editorial, artigos de momento). Isto, sem dúvida, tem seu papel consolador, mas não tanto, pois o gerenciamento de processos, por mais que se liguem à produção e divulgação de conhecimento, não me gratifica nem de longe na mesma proporção que a produção direta, a autoria, digamos assim. E, feito o balanço, o resultado não me satisfaz. Resta tomar providências no sentido de recuperar condições já usufruídas no passado e superar entraves que posso até comentar com bom humor sem, no entanto, esconder o desconforto que me trazem os meus últimos cinco anos de trabalho, embora o padrão de publicações seja perfeitamente satisfatório dentro dos critérios acadêmicos vigentes.

O dinamismo das tarefas bem cumpridas é um movimento de superfície que tem adiado o engajamento mais efetivo no que mais me interessaria fazer, e o mal estar dentro da universidade, nítido no período recente, me fez responder com maior entusiasmo a acenos do mundo que pareciam conter uma faceta liberadora. Repetidamente, uma vez mergulhado em novo compromisso, vi se instalar em mim a convicção de que a escolha não era tão satisfatória como prometia, e que talvez eu devesse estar fazendo outra coisa. Assim se deu com as situações em que renovei o prazer da viagem e tive a experiência de professor visitante. Tais ocasiões são sempre motivo de animação com a perspectiva do diálogo com excelentes interlocutores, do privilegiado acesso a bibliotecas e videotecas, da pesquisa que finalmente pode andar melhor. Tudo em tese, pois a realidade, três vezes constatada, é de que a docência no exterior, embora estimulante, enriquecedora, útil à pesquisa, insubstituível na aquisição de um senso mais agudo das diferentes tradições e do que, afinal, querem nossos colegas da França ou dos Estados Unidos, traz, por outro lado, um excesso de obrigações na área do ensino que fazem a pesquisa planejada perder a fluência. Não raro nos vemos a nos repetir em vez de avançar, gastando tempo com a tradução do já trabalhado em outro contexto. O feito está feito, e deixou frutos, mas considero tal experiência esgotada, me parecendo mais sensato suprir a necessidade de

intercâmbio com bolsas de pesquisa. Estas, em verdade, são uma condição quase imperativa de sossego para a reflexão, condição de que não disponho desde 1986, pois minha experiência de contato com o exterior tem acarretado sempre um ofício que, mesmo quando a tarefa foi escrever para um catálogo de Mostra Retrospectiva, envolveu uma moldura de gerenciamento político e de desgastes no “meio cinematográfico”.

Na extroversão do meu trabalho, a atividade editorial se afigurou, a partir de 2001, como o terreno mais promissor. O convite para que eu coordenasse uma coleção de livros sobre cinema e teatro na Editora Cosac & Naify veio aplacar minhas ansiedades em torno de um projeto de revista nunca levado adiante, e me colocou na posição gratificante de pautar leituras. Como já citado, concebi um programa - “cinema, teatro e modernidade” - que traduz meu empenho reiterado em favor do pensar cinema e teatro de forma mais conexa, dentro de uma evolução dos espetáculos e da cultura visual que a modernidade acentuou e que tem se tornado um de seus emblemas. O melodrama nos ensina o quanto este é um dos caminhos para pensar a cultura do século XX no seu polo mais industrializado, enquanto que o universo das vanguardas se deixa ver melhor através da conexão entre cinema, pintura e fotografia, aspecto também contemplado pela coleção. Coerente com meu percurso, este trabalho me dá prazer mas tem requerido uma dedicação que ultrapassa a quota prevista, gerando as tensões bem típicas do meu cotidiano onde se repete a dificuldade de avançar em estudos de longo prazo, o que é um grande risco. A minha agitação pessoal, como crítico, curador, editor, professor visitante, gerente de programas de cooperação acadêmica, tem sido vivida como própria a um período de transição (ilusão psicológica?) que, ironicamente, se prolonga em função da má administração do meu tempo. Persiste o senso de que não resolvi uma questão antiga: a da moldura institucional, a do lugar, seja dentro ou fora da universidade, para trabalhar com maior desenvoltura e me sentir em casa.

5. Na frente acadêmica, à procura de saídas

É notória na USP a crescente carga de trabalho gerada pela administração ou mesmo pela forma como se conduz o ensino. Tal carga ganha, às vezes, atenuantes, como o recente ânimo alcançado no CTR com a proposta do novo curso que, ao que parece,

poderá dar melhor rumo ao ensino de graduação e trazer uma provocação positiva a todos. Pensar em conjunto a formação para cinema e televisão, do ponto de vista de quem ensina história e estética, encoraja um maior envolvimento com uma reflexão compreensiva sobre os meios de comunicação (de que o pessoal de cinema carece) feita a partir de um conhecimento mais íntimo e concreto do objeto (de que os estudiosos de “comunicação” carecem). Este é um dado promissor que pode repercutir na própria política de pesquisa do Departamento, hoje à deriva, evitando a dispersão que nos assola como professores tarefeiros. No entanto, este aceno não tem sido suficiente para gerar mobilizações no plano da pós-graduação, tal a absorção dos orientadores com o cotidiano e com o legado de uma pauta de trabalhos totalmente desarticulada, no plano dos temas das teses e do horizonte mais amplo das pesquisas. A minha própria experiência na orientação traduz muito bem o quanto a política adotada até aqui não tem condições de continuidade, pois uma forma liberal demais de atender à demanda dos estudantes acabou sendo minha contribuição para essa falta de rosto que nos incomoda.

No momento, penso em retornar a uma postura mais “impositiva” no que diz respeito à escolha dos temas particulares de teses e o estilo dos trabalhos (medida já tomada na última seleção que renova quase totalmente o elenco dos meus orientandos), o que vai possibilitar uma coerência maior na condução de um programa voltado para o equacionamento da questão dos meios no contexto brasileiro. O objetivo continuará sendo o de trazer ao centro a análise dos processos formativos e das transformações na cultura brasileira, repondo, neste aspecto, o que Paulo Emílio começou no plano da história do cinema. No entanto, tendo em vista as diferenças de conjuntura e o quadro atual de interação entre avanço técnico e formas da representação, tal programa deve envolver um esforço teórico maior na análise da dinâmica e da linguagem dos meios, o que exige um diálogo maior com outras áreas, e a montagem de grupos de trabalho diversificados em sua composição, novamente dentro do princípio de retirar o estudo do cinema (e da televisão) do confinamento habitual, quando especializado, e da generalidade também habitual, quando ele é parte de uma sociologia da cultura ou de uma teoria da comunicação.

Resumindo, a idéia é conciliar o esforço de continuidade em relação ao espírito da geração de *Clima* em sua interpretação da experiência brasileira com um mergulho teórico mais decisivo na consideração integrada do universo da mídia. Tal tarefa envolve a retomada de muito do que fiz em termos de cultura brasileira (teatro, cinema), categorias

estéticas (alegoria, melodrama) e dados da modernidade, como a questão nacional e os conflitos maiores que o mídia tornou espetáculo. E exige uma consideração mais decisiva da polêmica em torno das teorias da indústria da consciência e da cultura de massas, teorias que têm se pautado, nos últimos anos, por tentativas de questionamento da tradição de Adorno e Horkheimer, ou mesmo de Benjamin e Kracauer, em nome de um deslocamento do polo decisivo do processo, o qual se retira do sistema de produção (e do capitalismo) e se coloca nas experiências de recepção, vistas como pluralizadas porque lugar da cultura de classe, ou de tribos urbanas, ou de etnias, ou de gêneros (masculino/feminino). O leque aqui é amplo, e vai dos *cultural studies* conduzidos pelos herdeiros de Raymond Williams e Stuart Hall até os pós-estruturalistas franceses e suas teorias da pós-modernidade. A simples enumeração evoca a enormidade do campo a observar. Diante disto, cabe então reiterar o princípio de parcimônia teórica que sempre procurei respeitar, atento ao quadro conceitual e suas nuances, mas indo direto aos objetos escolhidos e fazendo da resolução de questões específicas o campo de experimentação da efetividade de eventuais teorias.

Como primeiro terreno específico, bem demarcado, em que o programa acima exposto pode ter o seu primeiro teste, temos a demanda criada pela análise das relações entre meios de comunicação e imaginário da cidade em uma conjuntura específica. Em especial, quando o estudioso das imagens assume a necessidade de analisar as representações da vida urbana no Brasil, com ênfase à situação contemporânea. A minha participação, juntamente com um grupo da ECA no Centro de Estudos da Metrópole oferece, no momento atual, um caminho de articulação de esforços na direção integradora que sempre me interessou: teoria e história feitas a partir de um lugar, com um ponto de vista elaborado a partir da interação com este lugar. O CEM é uma entidade criada em resposta ao projeto dos CEPIDs (Centros de Pesquisa, Inovação e Divulgação) lançado pela FAPESP, e resulta de um consórcio entre o CEBRAP (sede do CEM), o SEADE, a FAU-USP, a ECA-USP e o SESC. Seu campo de atuação engloba a questão da cultura da cidade (em primeira instância, a Grande São Paulo); dentro dela, a da representação da vida e dos problemas urbanos nos diferentes meios, sendo que fotografia, vídeo, cinema e televisão definem o espaço particular do grupo da ECA dentro da estrutura maior. Afigura-se no CEM a oportunidade de executar, em colaboração, projetos que alimentei no passado e abandonei por falta de condições. Ao mesmo tempo, será possível incorporar

parcialmente, com proveito, linhas e objetos e pesquisa já em pauta no meu percurso, incluída aí a lida com os meus dois eixos conceituais (alegoria e gêneros dramáticos). Como núcleo temático, São Paulo está hoje no centro de qualquer tratamento de questões contemporâneas tal como estas incidem no contexto nacional que nos afeta diretamente. No plano de uma história das formas de representação e do que nelas está implicado como diagnóstico da experiência urbana no século XX, há muito tempo - e em especial no cinema - São Paulo configura uma carência, um descompasso entre o que se espera e o que se obtém de filmes, romances e peças de teatro que dela se ocupam. Neste sentido, é um ponto crítico da formação social e da cultura que requer uma análise a mais instrumentada possível na lida com a constelação de problemas aí presentes. Há questões de método, e de concepção mesma do objeto (cidade). A contribuição que imagino eu possa tentar, dentro desta questão enorme, deriva exatamente do trabalho que venho fazendo com o cinema contemporâneo e com outros momentos da ficção (neste caso, englobando teatro e cinema) dentro dos parâmetros já expostos. Dou alguns exemplos.

A par do que nos desafia no cinema contemporâneo (lembramos de *O invasor*, de Beto Brant, e de toda a obra de Ugo Giorgetti), a ótica da cidade e o necessário retrospecto para entender a sua formação permitem uma outra forma de abordar a produção cinematográfica paulista dos anos 50, notadamente da Vera Cruz, com uma incursão nas questões que marcam o desempenho de Abílio Pereira de Almeida como dramaturgo paulista típico dos anos 40-50. O mesmo se dá para a análise da incidência, no cinema, do realismo inspirado no Teatro de Arena no final daquela década, e para a discussão da chegada tardia do cinema moderno em São Paulo já em meados dos anos 60, considerando o curioso deslocamento que, após os anos modernistas-paulistas de 20, fez a questão do moderno, no teatro dos anos 40 e no cinema dos anos 50-60, se definir mais como uma experiência do Rio de Janeiro.

Tomando outra faceta do problema da cidade, tenho já trabalhado a questão da “crise do sujeito” (desculpem o chavão) no espaço urbano, em consonância com a primazia da esfera pública dos meios, desde minha análise de *O bandido da luz vermelha* (Sganzerla, 68). E esta questão tem vindo cada vez mais ao centro em minha lida com o problema do estatuto dos gêneros dramáticos na obra de Nelson Rodrigues que, colocada neste contexto, constitui um excelente exercício de análise das conexões entre drama, jornalismo e urbanidade, sendo, neste sentido, preparatória para uma discussão mais ampla

desta problemática hoje discutida por cineastas e dramaturgos quando colocam a questão dos roteiros. Por outro lado, a compressão do espaço-tempo na cidade, a fragmentação da experiência e os novos registros da subjetividade são questões há muito presentes em minha forma de trazer o conceito de alegoria para o campo do cinema, terreno em que a interpretação da linguagem figurativa de *Metropolis*, de Fritz Lang, e de *The Crowd*, de King Vidor, me permitiram criar um estilo de análise capaz de fazer a ponte entre a elucidação do desenho alegórico da obra e o papel nela exercido pelas formas dramáticas (nestes casos particulares, pelo melodrama). Se há terreno em que o legado de Walter Benjamin ganha força, é este da análise da metrópole moderna, e os filmes citados confirmam a efetividade de suas noções. Observação justa que tomo aqui como um ponto de partida a ser reelaborado em função das novas configurações da experiência na atualidade, as quais requerem inovações no quadro conceitual. E se há terreno por excelência em que vale meu trabalho, ora em andamento, sobre a questão do ressentimento em conexão com a desigualdade na sociedade de consumo e do espetáculo, este é o da cidade de São Paulo.

Em rápidas pinceladas tudo parece encontrar seu lugar, mas o quadro aqui traçado do estado presente de meus empenhos e perspectivas de trabalho não traz ilusões, e só teve como objetivo tornar clara a minha proposta de inserção nas pesquisas do CEM. Quis apenas ordenar minhas inquietações, talvez para proveito próprio, sem tomar este passo como solução mágica para os problemas que este memorial apontou. Como possibilidade de convergência a explorar, o quadro parece promissor, mas não devo esquecer a permanência aí de um “princípio de inclusão” que pode ferir o rigor e é alheio ao que deveria marcar o especialista com o qual muitos me identificam, dado meu pendor demonstrativo e minhas detalhadas análises formais. De qualquer modo, se ainda carrego o desejo de precisão, o gosto pelo detalhe e a atenção à forma, é porque os tomo como mediação decisiva para um melhor entendimento das “questões maiores”, de natureza sócio-histórica. Se o resíduo de espírito matemático não entra facilmente em sintonia com o alargamento do horizonte das interpretações, esta é uma contradição que não me cabe resolver, pois me é constitutiva. E faz viver.

São Paulo, junho de 2002.

Ismail N. Xavier